

DAS MONTANHAS "ITALIANAS" PARA O RIO GRANDE DO SUL:
FAMÍLIAS PIONEIRAS DO
RAMO JOALHEIRO EM GUAPORÉ



MARINILSE CANDIDA MARINA

MARINILSE CANDIDA MARINA

**DAS MONTANHAS “ITALIANAS”
PARA O RIO GRANDE DO SUL:**

FAMÍLIAS PIONEIRAS DO RAMO
JOALHEIRO EM GUAPORÉ



EDITORA
SCHREIBEN

2022

© Do autor - 2022
Editoração e capa: Schreiber
Imagem da capa: Pixabay
Revisão: Ana Paula Pertile

Conselho Editorial (Editora Schreiber):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Enio Luiz Spaniol (UDESC)
Dr. Glen Goodman (Arizona State University)
Dr. Guido Lenz (UFRGS)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marciane Kessler (UFPeI)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiber
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiber@gmail.com
www.editoraschreiber.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M337d Marina, Marinilse Candida
Das montanhas “italianas” para o Rio Grande do Sul : famílias pioneiras do ramo joalheiro em Guaporé. / Marinilse Candida Marina. - Itapiranga : Schreiber, 2022.
82 p. ; e-book.
E-book no formato PDF.
ISBN: 978-65-89963-42-4
DOI: 10.29327/556273
1. Imigração italiana. 2. Rio Grande do Sul – colonização.
3. Imigrantes italianos – joalheiros. I. Título.

CDU 325

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

1 FAMÍLIAS PIONEIRAS DO RAMO JOALHEIRO EM GUAPORÉ.....	4
1.1 Contexto territorial italiano e localização de Guaporé.....	5
2 FAMÍLIA PASQUALI E A ORIGEM NO TRENTINO-ALTO ÁDIGE.....	16
2.1 Emigração para o Brasil e retorno do patriarca para Bronzolo.....	21
2.1.1 Migração para Guaporé e instrução educacional.....	25
2.1.2 João Pasquali e Giacomina Zanchetta em Guaporé....	31
2.1.3 Herdeiros da Pasli Joias: Guaporé e São Paulo.....	35
2.1.4 Luiza Hack e a presença administrativa na Pasli Joias.....	41
2.1.5 Conectando as famílias: Hack, Ruschel, Dexheimer e Pasquali.....	48
2.2 Família Sebben.....	56
2.3 Família Spiller.....	59
2.3.1 Antonio Silvestre Spiller e Spolli Joias.....	63
2.3.2 Da agricultura aos ofícios urbanos.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	79

1 FAMÍLIAS PIONEIRAS DO RAMO JOALHEIRO EM GUAPORÉ

Impulsionados pela diversidade que representava a imigração, que foi difundida em inúmeros aspectos na América Latina, especialmente no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, os imigrantes, em função principalmente da Lei de Terras de 1850¹ – que proporcionava vantagens para aqueles dispostos a colonizar essa parte meridional do país –, foram considerados generalizadamente como agricultores, e muitos, mascarados dentro de uma cultura italiana vêneta, representada pelo grande contingente de imigrantes provindos de tal região. Nesse sentido, algumas particularidades no espectro dos ofícios e da cultura de determinados imigrantes italianos instigaram a curiosidade acerca do tema, levando a abordagem das famílias: Pasquali, Sebben e Spiller, provindas das localidades fronteiriças “italianas” de Bolzano (Tentino-Alto Ádige), Belluno (Vêneto) e Roana (Pré-Alpes vicentinos).

Estas três famílias citadas, foram as pioneiras do ramo joalheiro no atual município de Guaporé, localizado no estado brasileiro do Rio Grande do Sul e que atualmente é o segundo polo nacional da indústria joalheira do Brasil. Neste sentido, o presente trabalho discute os pontos de emigração das famílias que foram as centrais como artesãos das joias em Guaporé, e o contexto histórico que fomentou a fundação de tal colônia, além de outras questões associadas, que também buscam vislumbrar a figura feminina em diferentes cenários. Portanto, a discussão em torno do tema remete até o contexto atual destas famílias. Quanto a

1 A Lei de Terras de 1850 estabelecia os critérios para a estruturação das colônias agrícolas, assim como para a legitimação das sesmarias existentes. A partir dela, o acesso à propriedade da terra seria por meio da compra. Desse modo, com a colonização, que se intensificou na segunda metade do século XIX, diversas famílias de europeus alemães e, posteriormente, italianos partiram tendo como destino o Sul do Brasil, composto, além da região da campanha e do planalto médio, pela serra, formada por terras acidentadas de difícil acesso e povoadas por grande número de indígenas (BENEDUZI, 2011).

metodologia seguiu a linha da história oral² e da micro-história³ italiana, que, com base em casos específicos, insiste em uma dimensão historiográfica ampliada a nível nacional e supranacional. Ou seja, os sobrenomes servem como fios condutores da pesquisa, para costurar os “retalhos do pano de fundo” da história. Dessa forma, além de bibliografia pertinente ao tema, das fontes documentais disponíveis, associou-se a colaboração e acervos das famílias, em função disso, algumas trajetórias apresentam-se mais completas que outras.

1.1 Contexto territorial italiano e localização de Guaporé

Vale salientar que, anterior à grande emigração para o Brasil, cujo período-ápice ocorreu entre 1876 e 1901, as transferências migratórias entre as regiões (montanha e planície) para outras partes da Europa, principalmente Europa Central, eram corriqueiras. As ditas migrações sazonais⁴ proporcionavam o aperfeiçoamento e/ou o aprendizado de ofícios,

2 As entrevistas desta pesquisa foram realizadas após autorização do processo CAAE de número 34811420.8.000.5342 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo. A história de expressão oral é uma metodologia, uma vez que “a narrativa testemunhal permite um novo olhar sobre nosso passado histórico, reconhecendo e assumindo nossa responsabilidade coletiva” (ROVAI, 2013, p. 138). Por conseguinte, buscou-se completar por meio de relatos algumas lacunas que os documentos oficiais apresentavam. Ainda, as entrevistas aconteceram nos momentos em que as regras de isolamento foram substituídas por distanciamento, dessa forma, os devidos cuidados foram tomados, e assim assegurou-se o bem-estar dos envolvidos.

3 Sobre estruturas, redes familiares, ofícios e estratégias migratórias associados à micro-história, que foram essenciais para a estruturação metodológica do texto, destacam-se alguns autores, como Carlo Ginzburg, em diversas obras, entre elas, *O queijo e os vermes* (1987), em que descreve a trajetória de vida de Menocchio, um moleiro perseguido pela inquisição durante o decorrer do século XVI na região do Friuli, Itália. Investigando o processo de condenação do moleiro, por meio de uma análise exaustiva das fontes, o autor desvela as múltiplas complexidades do cotidiano social e religioso no período averiguado. Já em *O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico* (1989), Carlo Ginzburg e Carlo Poni defendem que o nome dos sujeitos é o fio de Ariadne por meio do qual os pesquisadores podem conduzir suas análises em qualquer local que ofereça fontes. Nessa obra e em outras, persiste o método nominativo, que consiste em tratar das questões com base no nome do sujeito envolvido. Portanto, a pesquisa pauta-se no método indiciário de Ginzburg (1989), e trabalha-se com um entrecruzamento de fontes, tanto documentais quanto orais.

4 Migração sazonal: tipo de migração que se caracteriza por estar ligada às estações do ano. É uma migração temporária, onde o migrante sai de um determinado lo-

caracterizando-se como migrações laborativas e conseqüentemente qualificadas. Entre aqueles adeptos às migrações internas pela Europa, o destaque desta pesquisa é dado aos sujeitos que provinham essencialmente de locais montanhosos e fronteiriços com a Áustria, e que, embora caracterizados por serem camponeses por tradição, tinham também o ofício de artesãos como fonte de renda.

Objetiva-se perceber esse processo de reconstrução, readaptação e releitura da trajetória de grupos minoritários na gama emigratória italiana – tirolezes, belluneses e cimbrós⁵ – que transitavam na Itália entre o domínio vêneto e austríaco, mas que trouxeram consigo em evidência o sentimento regionalista das aldeias de partida. Nessa direção, Maria Catarina Zanini (2004, p. 53) explica que, no momento da emigração dos italianos no final do século XIX, eles “não se sentiam italianos no sentido de um pertencimento nacional, mesmo porque a unificação italiana⁶ se dera havia pouco, e muitos não concordavam com ela. Eram moradores de um *paese*⁷ e pertencentes a determinada localidade, que se comunicavam por meio de dialetos específicos”. Logo, concordando com a autora e partindo desse princípio, o trabalho visa a perceber como esses grupos familiares se reorganizaram na parte Sul do Brasil.

cal, em determinado período do ano, e posteriormente retorna, em outro período do ano.

- 5 Os cimbrós eram generalizadamente conhecidos como um povo nômade até se fixarem nas montanhas, em meio aos bosques. Ainda assim, continuavam em movimento, em função do pastoreio. Além dessa atividade, desempenhavam muitos ofícios, como produção da lã, de laticínios, de carvão e de calcário, e atuavam na pequena agricultura. Eram ainda carpinteiros, ferreiros, pedreiros e artesãos em geral. Apesar de estarem havia séculos fixados em partes do território italiano, apresentavam características particulares muito precisas. Graças aos múltiplos saberes que dominavam, puderam trabalhar em diversas áreas nas migrações tanto sazonais como definitivas (PASA, 2017, tradução da autora).
- 6 A França pós-revolucionária invadiu a cidade de Veneza em 1797, dividindo o território do norte da península itálica com o Império Austríaco, assim a população respondia, em determinados períodos, aos franceses e, em outros, aos austríacos, cada qual com crença e cultura próprias. Esses conflitos franco-austríacos, que iniciaram em 1797, seguiram até 1815 (Congresso de Viena), quando o Império Habsburgo dominou a administração da região até a unificação da Itália, representada por Vittorio Emanuele II, o chamado “pai da pátria”, oriundo da casa de Savóia, que instaurou a monarquia na península já unificada (BENEDUZI, 2011).
- 7 *Paese* é entendido não apenas como vila, ou localidade, mas também como um conjunto de relações afetivas, plenas de significados imagéticos e relacionais, utilizados na Itália (BENEDUZI, 2011, p. 15).

Para ilustrar melhor os pontos de partida dos sujeitos estudados, retoma-se o atual mapa político da Itália.

Figura 1 – Divisão política atual da Itália



Fonte: Escola Educação⁸.

Conforme a Figura 1, os grupos analisados provêm do nordeste da Itália, região marcada pela tríplice fronteira: Eslovênia, Áustria e Itália. Por serem regiões fronteiriças, encontram-se suscetíveis a invasões e mesclas culturais. Nesse sentido, Lia Osório Machado (1998, p. 42) afirma que “a fronteira está orientada ‘para fora’ (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados ‘para dentro’ (forças centrípetas). A fronteira é considerada uma fonte de perigo ou ameaça porque pode desenvolver interesses distintos aos do governo central”. Outro aspecto é que, além de representarem pontos que delimitam fronteiras internas (regiões italianas) e externas (outros países), os locais de partida – Bolzano (Trentino-Alto Ádige), Belluno (Vêneto) e Roana (Pré-Alpes vicentinos) – se caracterizam como

montanhosos e com população outrora adepta a migrações sazonais.

Conforme exemplifica Franzina (2006), diferentemente da planície, nas regiões montanhosas prevalecia a pequena propriedade. No contexto emigratório, esses pequenos proprietários seriam os primeiros prejudicados pela crise que a Europa enfrentava e, por isso, motivados a emigrar: embora não fossem os mais pobres, eram “os pequenos arrendatários, os pequenos proprietários, ou seja, os pequenos produtores capazes de inserir-se no mercado por si mesmos, mas incapazes, por causa da sua objetiva fragilidade, de resistir à violência das crises conjunturais” (FRANZINA, 2006, p. 39). Os mesmos desdobramentos foram observados nesta pesquisa, uma vez que se comprovou que alguns núcleos de sujeitos analisados eram proprietários de pequenos lotes na recém-unificada Itália.

As atividades agrícolas desenvolvidas nessas pequenas propriedades localizadas ao pé das montanhas não supriam todas as necessidades familiares. Dessa forma, anterior à emigração para o Brasil, eram grupos que praticavam as migrações sazonais para o restante da Europa como forma de obter uma renda extra, que era agregada à economia agrícola. Grossutti⁹ (2018, p. 30, tradução nossa) defende que “A montanha e a *pedemontana*¹⁰, vale dizer as zonas majoritariamente interessadas nas migrações sazonais nos países do centro da Europa, são aquelas que [...] apresentam uma fisionomia mais evoluída e onde os habitantes demonstram as mais altas taxas de alfabetização [...]”. Nesse sentido, Giron e Bergamaschi (2001, p. 47) explicam que: “A maioria deles era pobre, mas, como viviam na Europa do último quartel do século XIX, já conheciam algumas inovações técnicas. Muitos dos agricultores a cada ano, durante meses, deixavam a terra que cultivavam em busca de trabalho em indústrias ou obras na Itália, ou em outros países”. De acordo com o observado na pesquisa de campo, essas foram características também

9 O autor refere-se a região do Friuli Venezia Giulia, em especial a parte do chamado Friuli ocidental, que faz parte do território montanhoso vizinho aos demais citados e, portanto, com características econômicas e culturais similares, portanto, o local será citado em demais partes do texto, os imigrantes friulanos não ganharam ênfase no livro, pois destacaram-se nas colônias citadas como ferreiros, ou seja, também artesãos dos metais, mas não no ramo da ourivesaria e afins. Nesse sentido ver MARINA (2022).

10 Que significa aos pés da montanha, refere-se ao local ou grupos de sujeitos que habitavam na região *pedemontana*, ou aos pés da montanha, e não propriamente no pico das montanhas.

constatadas entre os imigrantes analisados.

Em função das frequentes migrações masculinas em busca de emprego, essas pequenas propriedades rurais, conforme Grossutti (2017), acabavam sendo gerenciadas pelas mulheres. Ou seja, devido à necessidade laborativa, os indivíduos estudados faziam parte de um grupo que se caracterizava por apresentar determinada autonomia interligada ao universo feminino, uma vez que os homens passavam longos períodos do ano trabalhando em território estrangeiro, e as mulheres ficavam responsáveis por toda uma administração em múltiplas esferas familiares. Outra especificidade relaciona-se às práticas matrimoniais: conforme Fornasin (2011), em determinadas áreas montanhosas estabeleciam-se casamentos endogâmicos¹¹. Esses fatores agregados, que caracterizam as populações em questão, direcionam para o entendimento da ocupação de espaços também no Sul do Brasil.

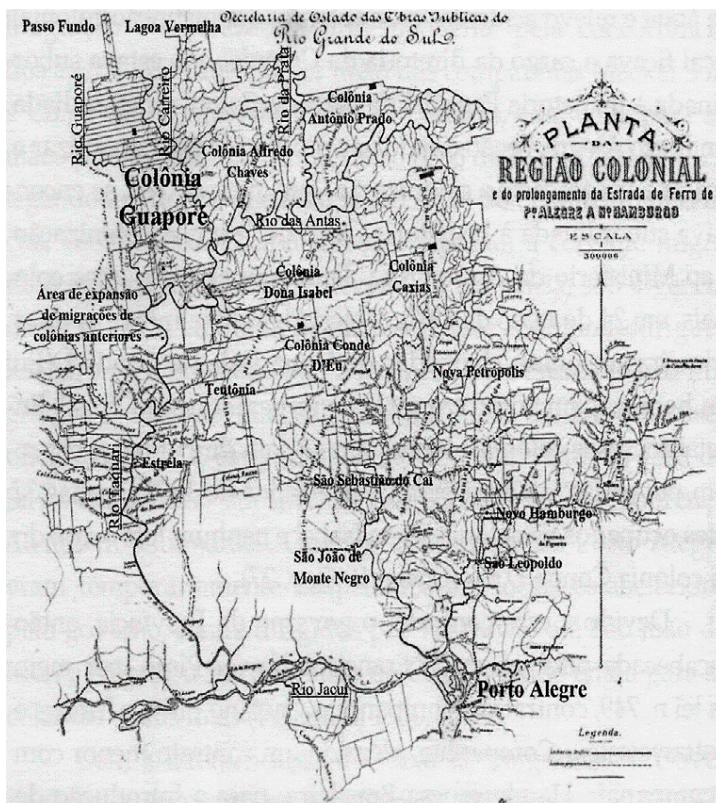
A historiografia referente à colonização italiana no Rio Grande do Sul trabalha com quatro períodos principais, divididos com a seguinte cronologia: o primeiro período envolve os anos de 1870 até 1884, tendo como destaque a fundação das colônias Cond’Eu, Dona Isabel, Nova Palmira e Silveira Martins; o segundo período compreende os anos de 1884 até 1894, com o surgimento das colônias Alfredo Chaves e Antônio Prado; o terceiro período abrange o tempo compreendido de 1892 até meados de 1900 e é marcado pela circulação de imigrantes e de descendentes de imigrantes, sendo importante neste período a fundação da colônia Guaporé e o desenvolvimento de outras colônias particulares; o quarto período, teve maior ênfase de 1900 a 1920, atingindo a região do Alto Uruguai, alastrando-se por toda a Região Norte do Rio Grande do Sul.

Dessa forma, as famílias em evidência deste estudo de caso, tiveram os patriarcas inicialmente povoando as colônias Dona Isabel -Bento Gonçalves-, que se refere ao primeiro período de colonização no estado. Além de Alfredo Chaves -Veranópolis- que corresponde ao segundo período de colonização. Posteriormente, os descendentes migram internamente destas localidades para Guaporé, que faz parte do terceiro período de colonização. Ou seja, o monopólio das heranças e a consequente necessidade de busca de novos pontos de fixação são evidentes. Nesse

11 Enlace matrimonial entre pessoas que pertencem ao mesmo grupo familiar, social, étnico, religioso.

sentido, Levi (2015b, p. 15) advoga: “muito pouco foi feito até agora para estudar a relação cruzada entre dote (que atinge a nova família no momento da formação) e herança (que chega na maioria dos casos à nova família em fase sucessiva)”. Ainda, como veremos, associamos a questão da partilha de heranças com a visão empreendedora de sujeitos mais abastados economicamente, e que colaborou, além da colonização, a oportunidade de aplicar o capital monetário em outros pontos territoriais, como foi o caso de Guaporé.

Figura 2 – Planta oficial da região colonial



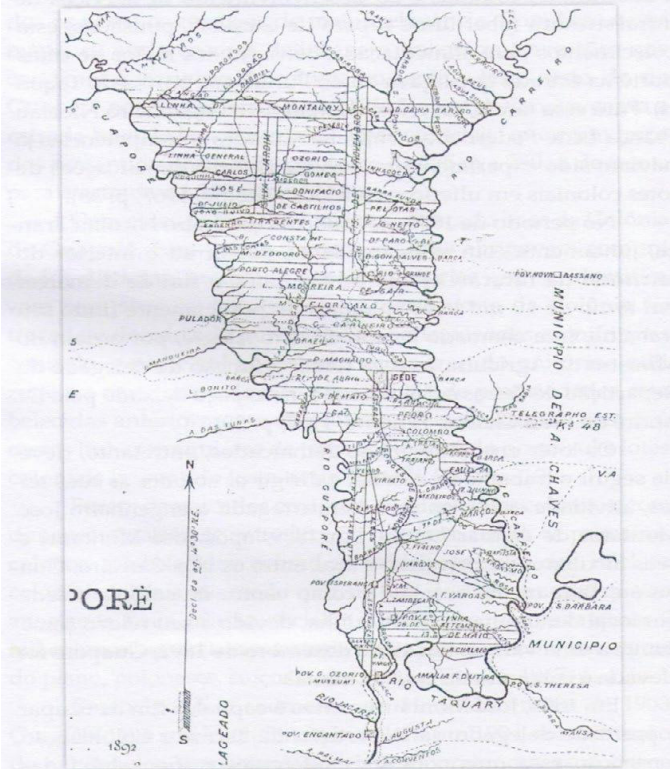
Fonte: Arquivo Histórico de Guaporé (*apud* TEDESCO; BALBINOT, 2015, p. 27).

Na Figura 2, referente à região colonial do Rio Grande do Sul, observam-se os nomes das antigas colônias; deste território a atenção

volta-se para a colônia Guaporé¹². A distância entre Bento Gonçalves que se refere a localidade Dona Isabel, e Guaporé é de 70 km, já em relação a Veranópolis, que se refere a antiga colônia Alfredo Chaves e Guaporé, é de 55 km, e ambos os territórios fazem parte da mesorregião do nordeste do Rio Grande do Sul, também denominada popularmente Serra Gaúcha.

Na Figura 3, observa-se a planta oficial da colônia Guaporé.

Planta oficial da Colônia Guaporé, apresentando a demarcação dos traços, principais linhas que definiram o processo de ocupação das terras



Fonte: Arquivo Histórico de Guaporé (apud TEDESCO; BALBINOT, 2015, p. 27).

Guaporé foi consagrada colônia oficialmente em 1892, como dito,

12 Em 11 de dezembro de 1903, o decreto número 664 instituiu Guaporé como município, tendo como primeiro Intendente o engenheiro Vespasiano Corrêa, empossado em 1º de janeiro de 1904. Ao longo dos anos, diversos distritos foram desmembrados de Guaporé (dados da Prefeitura Municipal de Guaporé).

fazendo parte do terceiro período de colonização. Essa colônia abrangeu uma extensa área territorial, de 250.000 m² a 300.000 m², e teve diversos distritos, sendo dividida em cinco mil lotes, ocupados por sujeitos provenientes das primeiras colônias cedidas para a ocupação de imigrantes italianos.

Portanto, o estudo central da pesquisa gira em torno de um grupo determinado de imigrantes e suas reconexões com outros grupos provenientes de locais que apresentavam semelhanças nos hábitos e culturas, desde a economia até as identificações regionalistas. Também se discute quando este padrão não segue a regra, e de que forma isso era tratado perante o próprio seio familiar. Assim, no âmbito dos ofícios, famílias providas de locais *pedemontanos* são abordadas. Por apresentarem semelhanças laborativas, uma vez que eram artesãos dos metais, e serem significativos para o contexto de Guaporé como grupo cujo ofício principal não era vinculado à agricultura, e considerando que são minoria em um amplo cenário, esses sujeitos são tratados no que tange às esferas laborativas e territoriais. Eles também estavam em conexão com as tradições trazidas do extremo nordeste da Itália.

A justificativa para o presente estudo não é a inexistência de trabalhos sobre o contexto da imigração italiana nas primeiras décadas de desenvolvimento, mas principalmente – conforme Vendrame (2016) – os pontos para o entendimento de que a família estava no centro das dinâmicas socioeconômicas. Soma-se à justificativa a vinculação desta pesquisa à discussão teórica em torno de particularidades pouco esmiuçadas quanto à temática referente a migrações internas para a colônia Guaporé. “Logo os laços parentais, consanguíneos ou não consanguíneos, amizades e alianças surgem como fundamentais no processo de ocupação de novas frentes, na proliferação das unidades de produção e na formação de novas comunidades” (VENDRAME, 2016, p. 206).

Em Guaporé, como dito, a indústria joalheira representa parcela significativa da economia municipal, ofício que foi iniciado na localidade pelos patriarcas das seguintes famílias: Pasquali, de Bronzolo (província de Bolzano, região do Trentino-Alto Ádige), que foi o primeiro grupo familiar a trabalhar no setor de ourivesaria; Sebben, de Fonzaso (província de Belluno, região do Vêneto); e Spiller, de Sette Comuni (Pré-Alpes vicentinos, norte da província de Vicenza, no limite com a província de

Trento). O Trentino-Alto Ádige e o Vêneto, de onde partiram essas famílias, somados ao Friuli Venezia Giulia¹³, formam a região conhecida como Trivêneto, no nordeste italiano.

Figura 4 – Trivêneto



Fonte: Il nordest quotidiano¹⁴.

Na Figura 4, é possível visualizar onde se situam os locais de emigração das famílias abordadas neste capítulo. Destaca-se Bolzano, no Trentino-Alto Ádige, e retoma-se a região de Altipiano d’Asiago – localizada próxima a Belluno – como uma espécie de ponte imaginária nesta análise, por situar-se entre o Friuli e Bolzano. Os três territórios, conforme o mapa, localizam-se próximos à Áustria.

A discussão desses núcleos familiares que exerciam ofícios de artesãos é relevante não só com relação ao contexto emigratório de partida, pois abre uma série de possibilidades no sentido de perceber, além das tradições culturais variadas na região italiana, a continuidade de

13 A região do Friuli Venezia Giulia, em especial a parte do Friuli Ocidental, foram destaque no estudo realizado no doutorado, e publicado em livro “MARITO E BUOI DEI PAESI TUOI: estratégias familiares de friulanos na Região de Colonização italiana do Rio Grande do Sul (1880-1964). Itapiranga, ed. Schreiber, 2022.

14 Disponível em: <https://www.ilnordestquotidiano.it/2017/01/31/monitor-dei-distretti-industriali-del-triveneto-migliora-l-export/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

determinado regionalismo étnico no Brasil e o desenvolvimento de novas redes e conexões. Por exemplo, no caso da família Pasquali, emigrada de região com cultura germânica acentuada, essas conexões se estabeleceram com famílias de origem também germânica, que colonizaram o Brasil em uma emigração anterior e foram significativas para o comércio e as indústrias na região de colonização alemã do Rio Grande do Sul.

Em contrapartida, este trabalho, também evidencia a relação do patriarca da família Spiller, natural de Roana, com importantes figuras da política de colonização em Guaporé e, no âmbito das relações pessoais, o matrimônio dele com uma “brasileira” e como isso era refletido no âmbito familiar. Desse modo, além da explanação sobre as famílias pioneiras do ramo joalheiro, busca-se observar de forma mais cautelosa os fios que conduziram para o desenrolar de fatos que possibilitaram o desenvolvimento das relações e empresas.

Ainda em referência a localidade de Guaporé, apresentando uma população de aproximadamente 26 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município deixou de ter a principal fonte de trabalho e riqueza na agricultura, passando a uma população 90% urbana. A indústria é hoje a principal fonte de renda¹⁵. Conforme os dados repassados pela prefeitura municipal¹⁶, Guaporé apresenta 252 indústrias enquadradas como “confeção de artigos de vestuário e acessórios”, em que se destaca a confeção de roupas íntimas¹⁷, mas há também a produção de vestuário ligado ao mundo *fitness*, entre outros.

Quanto às indústrias de ourives, cujas famílias pioneiras foram,

15 Disponível em: <https://www.guapore.rs.gov.br/pagina/historia>. Acesso em: 1.º abr. 2021.

16 As informações foram cedidas em 20 de outubro de 2020.

17 A indústria de lingerie ocupa, pois, a segunda posição nacional, ficando atrás apenas de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. A fundadora da primeira indústria de lingerie, Eliane Magnan, é descendente de imigrantes provindos da região vizinha a este estudo de caso, denominada de Friuli Venezia Giulia, mais especificamente da parte batizada como Friuli Ocidental. E desde os anos 1990, com a iniciativa na fabricação de lingerie, de Eliane Magnan, a indústria têxtil, principalmente a confeção de roupas íntimas, ganhou destaque em Guaporé e no Brasil. Da mesma forma que o ramo joalheiro, o têxtil iniciou-se com a figura de Magnan, cuja família proveio de local adepto ao artesanato envolvendo costura, com destaque na elaboração de sapatos, famosos em Poffabro, comunidade vizinha aquela de origem da família Magnan. Para maiores informações ver MARINA (2022).

respectivamente, Pasquali, Sebben e Spiller, atualmente estão registradas 179 empresas nesse setor e seguimento no município. Mesmo a indústria de vestuário e moda íntima sendo maior em quantidade de empreendimentos, o setor de ourivesaria ainda representa um número significativo no cenário econômico. Embora Guaporé seja considerado um município pequeno, há um total de 431 indústrias, o que o caracteriza como polo estadual de produção de joias folheadas e de artigos de moda íntima.

Das 431 indústrias consultadas nos registros da prefeitura, cerca de 90% dos empreendimentos são de famílias que descendem de italianos instalados no local. Essa contabilidade, entretanto, não é surpreendente, uma vez que Guaporé foi colonizado por italianos, e grande parte da população tem essa descendência.

2 FAMÍLIA PASQUALI E A ORIGEM NO TRENTINO-ALTO ÁDIGE¹⁸

A família Pasquali, anterior à emigração para o Brasil, vivia em região de fronteira. A chamada região tiroleza faz fronteira ao norte com a Alemanha, ao sul com a Itália, ao leste com a Áustria e ao oeste com a Suíça. A apresentação desse território contribui para a compreensão dos fatores determinantes das relações desta família, voltadas, no Sul do Brasil, particularmente para outras famílias com identificação cultural germânica. No debate sobre identidade, concorda-se com Levi (2014, p. 254-255):

É muito interessante estudarmos as identidades, mas como artifícios que servem e que produzem esta contínua afirmação da identidade. Produzem coisas positivas, porque nos identificamos com os outros por diferenças, mas produzem também efeitos negativos que, especialmente, não têm nada a ver com a identidade. Uma das características identitárias dos italianos imigrados para o Brasil é que possuíam uma importante capacidade adaptativa. A identidade italiana se transformou, e isso é interessante do ponto de vista antropológico, mas não é identidade, é um artifício que serve para várias coisas positivas, psicológicas, imediatistas, políticas etc. Creio que seria interessante estudar como se criaram os artifícios, e não como surgiram as identidades. Ao contrário, muitas das teses que se fazem são sobre as identidades, que, na verdade, não existem [...] porque a identidade é uma invenção, um instrumento, uma construção artificial.

Buscando um paralelo entre as palavras de Levi (2014) e esta pesquisa, percebe-se que esses diferenciais culturais foram trazidos do ponto de partida dos imigrantes: os habitantes das montanhas tinham características próprias, identificadas na reprodução de ofícios qualificados no estado e na busca por casamentos com aqueles provindos do mesmo

¹⁸ A intenção é apenas situar a família Pasquali na região, sem adentrar, por delimitação de espaço e temática, profundamente a história territorial do Trentino-Alto Ádige como um todo.

cotidiano de práticas sociais¹⁹. Isso não significa que a identidade criada por eles fosse somente italiana ou vêneta, ou cimbra, ou ainda tirolesa, mas que se identificavam com determinados aspectos culturais, como o modo de viver, a racionalidade econômica, a língua – uma vez que “A língua é uma das principais manifestações identitárias de um povo” (PEZZO, 1763 *apud* CANTERI, 2017, p. 113). No Rio Grande do Sul, essas particularidades foram colocadas no mesmo “balaio” imigrantista italiano; mas quando analisados por meio de uma lente de aumento, os sujeitos apresentam determinadas características distintas das de outros italianos, e não por isso menos importantes. Nesse sentido, tais peculiaridades impulsionaram a construção de artifícios para a manutenção de aspectos culturais, sociais, econômicos, estratégicos etc., identificados entre o grupo.

A busca por reagrupamentos regionais não aconteceu somente pelos matrimônios, mas também pela criação de associações no estado. Se observados atentamente, percebe-se que não se identificam particularmente ou apenas como descendentes de italianos, por isso existem diversas entidades denominadas como: Friulanos pelo Mundo, Círculo Trentino, Associação Vêneta e assim por diante. Para compreender essas divisões, é fundamental estudar o ponto de partida e as formas como a península itálica estava recortada e, após a unificação, como foi costurada, dando contornos a uma espécie de colcha de regionalismos.

Os Pasquali deste estudo de caso emigraram de Bolzano, mais especificamente da *comune* de Bronzolo, para o Brasil, constando nos registros dos filhos a nacionalidade austríaca. O Tirol²⁰ é uma região alpina

19 Sublinha-se que na análise do trabalho, não cabe discutir sentimentalismos, uma vez que as estruturas familiares foram construídas apenas como base para comprovar a formação e/ou a extensão das redes conterrâneas.

20 “A denominação Tirol (em alemão Tyrol) tem origem desde 1271, pois com os chamados Condes do Tirolo se tornaria Land Tirol (província do Tirol). Geograficamente a parte ao sul do Brennero, constituída pelos distritos de Trento e de Bolzano, era chamada Tirol do Sul ou Tirol Meridional, e a parte do Norte do Brennero, onde se encontrava a capital Innsbruck, era o Tirol do Norte. Após a Primeira Guerra Mundial, a parte meridional foi anexada à Itália (1918), recebendo o nome de Veneza Tridentina, substituído em 1926 pelas províncias de Trento e de Bolzano. A parte além do Brennero continuou a ser chamada de Tirol, até hoje. Land Tirol é hoje a única porção do Tirol histórico que restou à Áustria. Atualmente a denominação Südtirol (Tirol Meridional) é, portanto, a denominação oficial em alemão só da província de Bolzano, enquanto Trentino sempre foi

atualmente dividida entre Áustria e Itália. Até 1813 o local pertenceu ao Império Austríaco, sendo denominado Estado do Tirol. A partir daquele ano até 1918, fez parte do Império Austro-Húngaro. Após a Primeira Guerra Mundial, a metade sul da região foi ocupada pela Itália. Ao norte, pertencente à Áustria, está o Estado do Tirol, “dividido” entre Tirol do Norte e Tirol do Leste. Ao sul, pertencente à Itália, está a Região Autônoma do Trentino-Alto Ádige, subdividida em Tirol do Sul (Alto Ádige) e Tirol de língua italiana (Trentino). Uma parte do Tirol do Sul foi desmembrada em 1923 e anexada a Belluno (Vêneto), pois no período do fascismo o governo italiano procurou acabar com o nacionalismo tirolês dividindo o território (ALTMAYER, 2008).

A região que hoje forma o Trentino era chamada de “Tirol Italiano”, em função do idioma predominante. Esse nome, contudo, não indicava que a região pertencesse ao Reino da Itália, somente designava a língua regional (ALTMAYER, 2008). Antes de 1918, o Tirol formava um estado único, pertencente ao Império Austro-Húngaro, com capital na cidade de Innsbruck (atual capital do Tirol austríaco). Atualmente, por causa da divisão pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e das decisões tomadas durante o governo fascista, o local ficou dividido em cinco partes²¹.

indicado como Welsch Tirol (Tirol italiano) para se referir à língua que prevalecia naquele local: o italiano” (MATTEI, 1990, p. 128).

21 Pertencente à Áustria: 1 - Tirol do Norte (Nordtirol); 2 - Tirol do Leste (Osttirol). Pertencente à Itália: 3 - Tirol do Sul (Südtirol); 4 - Trentino (Welschtirol ou Tirol Italiano); e 5 - Ampezzo (Belluno, Vêneto). A região de Cortina d’Ampezzo, historicamente tirolesa, foi anexada em 1923 à província de Belluno, região do Vêneto, Itália (ALTMAYER, 2008).

Figura 5 – Região do Tirol entre Itália e Áustria



Fonte: Corrêa (2018, p. 31).

Como observa-se na Figura 5, a parte do Trentino²² e a do Alto Ádige pertencem à Itália. Desse território, interessa particularmente Bolzano, ou Bozen.

Desde 1960 os territórios formam juntos a Região Autônoma do Trentino-Alto Ádige. Os trentinos emigrados para o Rio Grande do Sul eram chamados de austríacos ou tiroleses, no entanto, muitos desses trentinos foram listados pelas autoridades brasileiras como italianos ou alemães, impossibilitando a identificação da região de procedência (GIRON, 2005). Ao tratar dos patriarcas da família Pasquali, refere-se-lhes como tiroleses e/ou descendentes desses, pois são originários da parte do Alto Ádige, onde a influência germânica é ainda mais particular que a da parte designada Trentino. A família Pasquali emigrou de Bronzolo, província de Bolzano, localizada nesta região. A *comune* de Bronzolo é uma das cinco (Laives, Vadena, Salorno e Bolzano, nesse

22 Nesse sentido, consultar Corrêa (2018).

caso *comune*) que constituem a província de Bolzano.

Frosi e Mioranza (2009, p. 28) esclarecem sobre as particularidades dos emigrantes da província de Bolzano, o que justifica a abordagem das especificidades do ponto de partida dos imigrantes da família Pasquali.

Da província de Bolzano são esporádicas as notícias sobre movimentos migratórios nas décadas de maior ingresso de imigrantes tirolese no Rio Grande do Sul. Isso se explica de modo simples: a província de Trento era e ainda é linguisticamente italiana, ligada ao Vêneto (Belluno, Verona, Vicenza), enquanto a província de Bolzano ainda persiste como região austríaca nos costumes e no sistema linguístico; isso por um fator político relevante, ou seja, Trento sempre esteve propenso a uma unificação definitiva com a Itália, enquanto Bolzano, com a Áustria. De fato, os dialetos trentinos mais representativos se aproximam muito dos dialetos do tipo vênето, por serem as fronteiras geográficas naturais (vales ou montanhas) e por haver, conseqüentemente, fácil comunicação com o Vêneto.

Ainda conforme Frosi e Mioranza (2009), 98% dos emigrantes do Trentino-Alto Ádige no Rio grande do Sul provinham do Trentino, especialmente de Fiera di Primiero, Pérgine e Rovereto; enquanto apenas 2% provinham da província de Bolzano (Alto Ádige). Assim sendo, quase todos os trentinos emigrados para o Sul do Brasil são originários das zonas limítrofes com as províncias de Belluno e Vicenza, nos Alpes italianos (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 44). Apesar de existir larga discussão sobre o termo mais correto a ser utilizado – trentinos ou tirolese –, para apontar as particularidades evidenciadas nesta pesquisa de campo, optou-se pela segunda referência.

De acordo com o levantamento populacional realizado em 2020, há 2.754 habitantes em Bronzolo. Linguisticamente, falam-se o alemão, o italiano e o ladino, característica percebida também entre os antepassados da família, que foram alfabetizados em alemão e italiano.

O Tirol Italiano é, sem dúvida, uma região de fronteira que *divide* ou *une* – é um ponto de vista – os mundos germânico e latino. O passado bilíngue se faz notar nos sobrenomes locais [...]. A perda do uso do alemão bávaro [...] teve início a partir da ação direta da diocese tridentina, que incentivou – e até obrigou – o uso do italiano para “frear” a difusão do protestantismo entre os falantes de alemão no Tirol, uma vez que a nova doutrina se espalhava rapidamente entre os vários reinos germânicos

pertencentes ao Sacro Império Romano-Germânico [...]. O antigo passado “alemão” e a realidade bilíngue dos tirolezes de outrora são “denunciados” nos decalques germânicos ainda presentes no dialeto trentino [...]. Assim como houve, no decorrer dos séculos, uma *italianização* de tirolezes de língua alemã, também ocorreu a *germanização* de tirolezes de língua romance (ALTMAYER, 2016, p. 22-23, grifos do autor).

Nesse sentido, o ramo da família Pasquali deste estudo de caso, emigrado de Bronzolo – localizada na província de Bolzano e propagandeada como “um pedaço da Áustria na Itália”, onde tanto o italiano quanto o alemão são línguas oficiais –, emigraram dentro do espaço de uma minoria na década de 1880, trazendo essa particularidade da Europa para o estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

2.1 Emigração para o Brasil e retorno do patriarca para Bronzolo

Dos três irmãos Pasquali – originariamente Pascual – que emigraram para a América, um estabeleceu-se nos Estados Unidos; outro, na Argentina; e o núcleo familiar de Lorenz Augustin Pasquali e Maria Giovanini, no Brasil, inicialmente em Bento Gonçalves, na última década de 1880, onde adquiriram uma grande faixa de terra central, próxima à igreja matriz, que permanece em posse da família. Em Bento Gonçalves, desde o início da colonização, estabeleceram cantina de vinho, queijaria, hotel, diligência e casa de comércio.

A família também era sócia do vapor Montenegro, que conduzia os colonos de Porto Alegre para Montenegro e deste ponto para suas diligências, hospedando-os no próprio hotel e levando-os para outros destinos: Guaporé, Antônio Prado, Alfredo Chaves. Um dos principais funcionários da família Pasquali foi José Valduga, cuja família é ligada à vinícola Valduga em Bento Gonçalves. A sociedade com o vapor abriu caminhos para uma série de interligações, que ocorreram não apenas com os núcleos da RCI²³, como também envolveram os imigrantes da colonização alemã.

A análise pelo viés micro-histórico da família Pasquali, considerando o ponto de partida e o contexto macroespacial, oferece questões

23 RCI – Região de colonização italiana do Rio Grande do Sul.

interessantes. “A variabilidade das escolhas e das trajetórias migratórias – individuais ou coletivas – permite acessar uma determinada realidade social e cultural, apontando para um contexto de infinitas outras possibilidades” (VENDRAME, 2015, p. 204). Essas possibilidades demonstram particularidades no que tange à emigração italiana, principalmente dos pontos anexados tardiamente à Itália. Neste estudo de caso, tal contexto é exemplificado pela trajetória da família Pasquali. Os integrantes desse núcleo, desde o início da colonização no Rio Grande do Sul, já caracterizavam-se como imigrantes urbanos e apresentavam significativa estrutura financeira, suficiente para serem comerciantes, adquirirem terras na parte central do atual município de Bento Gonçalves e expandirem os negócios familiares em múltiplas frentes comerciais, inclusive, no transporte fluvial, que, conforme discutido anteriormente, era essencial para o desenvolvimento das colônias.

A família Pasquali representa com clareza as dualidades de locais com domínios entrelaçados entre o universo germânico e o italiano, mostrando desde a alfabetização em ambos os idiomas até o enlace com família de religião protestante. Essa trajetória familiar exemplifica que a implantação de fronteiras determinadas por leis e países não é capaz de evitar o mosaico de culturas que se criam e manifestam-se em determinados grupos. E essa diversidade pode ser percebida nas emigrações para além da Europa, como no caso analisado. “As lutas em torno da identidade étnica ou regional [...] constitui um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder [...], de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, de fazer e desfazer os grupos” (BOURDIEU, 2012, p. 113).

Em termos laborativos, embora a documentação aponte que eram agricultores, na Itália/Áustria trabalhavam com o comércio de ouro e pedras preciosas. Outro ponto interessante é a nacionalidade dos membros da família. Lorenz Pasquali e Maria Giovanini nasceram italianos, mas os filhos Alexandre, Giovanni (no Brasil passou a chamar-se João), Giacomo e Basílio foram registrados austríacos.

Figura 6 – Família de Lorenz Pasquali e Maria Giovanini
(Bento Gonçalves, década de 1900)



Fonte: arquivo pessoal da família Pasquali. Legenda (da esquerda para a direita): em pé - Maximina, Giacomo, João, Alexandre e Adelaide; sentados - as três primeiras crianças eram filhos de Giacomo e Maximina, e as outras cinco, filhos de Alexandre e Adelaide.

Na década de 1900, período do registro da Figura 6, o núcleo já constituía uma grande família.

Lorenz Augustin Pasquali e Maria Giovanini eram casados e viviam em Bronzolo, [...] fronteira entre Itália e Áustria [...]. Os Pasquali eram muito ricos, possuíam comércio de joias. Descendiam dos Pascual, de origem nobre [...]. Transformaram em ouro e pedras preciosas tudo o que tinham, era mais fácil para carregar. Para não desconfiarem de sua riqueza, pois o governo brasileiro só admitia agricultores, esconderam o ouro e as pedras nas barras das diversas saias que Maria e Maximina²⁴ usavam [...]. Os homens traziam nas mãos grossas bíblias e livros de oração [...] quando abertos, depois de algumas páginas, apareciam enormes buracos no centro, cheios de relógios ou de pedras preciosas. Vieram, portanto, como agricultores austríacos, para guardar melhor o segredo que carregavam (HIRSCH²⁵, 2017, p. 64).

24 Maria Giovanini era esposa de Lorenz Pasquali, e Maximina Tappeiner era esposa de Giacomo, portanto, nora de Lorenz.

25 Maria Adelaide Pasquali Hirsch, além de ser descendente da família Pasquali,

Martha Pasquali, bisneta de João Pasquali, fundador da indústria de ourives em Guaporé, destacou, em entrevista, que a família não pode garantir com absoluta certeza que os acontecimentos se desenrolaram dessa forma. Entretanto, concordou com o fato de que a narrativa da prima Maria Adelaide era a versão que os antepassados transmitiam aos descendentes. Complementou ainda que, segundo o bisavô, a família teria trazido as riquezas, inclusive, no fundo de um utensílio que servia para moer alimentos e salientou que o objeto é uma herança imaterial da família, por significar parte da história deles.

Em 1889, com o falecimento da esposa Maria Giovanini, Lorenz Pasquali decidiu retornar para Bronzolo acompanhado do filho João, com o intuito de que este aprendesse o ofício de ourives/joalheiro. Conforme as informações da família, o patriarca não viu sentido em permanecer no Rio Grande do Sul, pois não havia se adaptado ao novo contexto, mesmo tendo condições financeiras. Retornou definitivamente para a Itália e está sepultado em Bronzolo. Quanto ao filho João, percebendo a oportunidade de ofertar artigos em ouro e pedras preciosas nas colônias italianas, aprendeu o ofício na Europa, uma vez que o comércio de joias já era tradição familiar, e implantou a primeira ourivesaria em Guaporé, no ano de 1907²⁶ (HIRSCH, 2017). Com relação à viagem de retorno, De Ruggiero (2014) trata sobre os pioneiros (principalmente da Toscana) de empresas familiares voltadas para o trabalho do mármore no Brasil que tiveram a oportunidade de retornar para a Itália com a finalidade de investir no conhecimento adquirido nas marmorarias e aperfeiçoá-lo.

É o caso de lembrar a grande quantidade de jovens artesãos ou artistas [...] que encontraram trabalho e ampliaram suas atividades graças a mecanismos análogos, baseados, sobretudo, em vínculos pessoais e diretos entre a comunidade de partida e aquela de chegada (DE RUGGIERO, 2014, p. 88).

A família Pasquali é oriunda de território conhecido por ter muitos artesãos, desenvolvendo, por exemplo, esculturas em madeira, arte sacra,

também é neta do coronel Ernesto Bertaso, um dos proprietários da Colonizadora Bertaso, Maia e Cia. Ltda., responsável por parte da colonização na Região Oeste de Santa Catarina.

26 A família herdeira da Pasli Joias chama a atenção para os registros familiares que apontam para 1909 e não 1907 conforme Hirsch (2017).

trabalhos têxteis com renda de bilros, joias de madeira (tradição em Val Gardena) e peças em madeira enfeitadas com pedras Swarovski. Nesse panorama, inclui-se a província de Vicenza, localizada na região do Vêneto, que tem larga tradição no trabalho com o ouro, ofertando qualificação profissional joalheira de alto padrão. Os descendentes Pasquali acreditam que João, ou Giovanni (como era o nome de batismo), tenha realizado o curso em Vicenza. Segundo o bisneto Carlos Alberto Pasquali:

Falavam [referindo-se à família] genericamente: “Ah, foi para Itália!”. O que sabemos é que lá ele [João] pagou para aprender o ofício, fez curso pago para isso. Não foi assim, vou para Itália trabalhar para aprender o ofício, não! Ele precisou fazer um curso para aprender! [...] Ele casou-se em 1898, ele foi na década de 1890 para Itália [...] ele ficou dois anos, pela informação que temos.

Pelo depoimento, observa-se que foi uma emigração de retorno em duplo sentido, planejada para: o aprendizado de uma profissão que, no fim da década de 1890, ainda era rara nas colônias meridionais do Brasil e exigiu a prospecção de inserimento em uma nova colônia; e o retorno definitivo do patriarca Lorenz, que, após a viuvez, optou por permanecer na terra natal. Aqui verifica-se uma dualidade, pois ter condição econômica para retornar também significou uma alternativa, mesmo envolvendo distanciamento definitivo dos filhos, que, conforme salientado, não voltaram a ver o patriarca.

2.1.1 Migração para Guaporé e instrução educacional

Depois de aprender o ofício de ourives na Itália e retornar sem o patriarca da família, João Pasquali transferiu-se com a esposa Giacomina Zanchetta para a sede da colônia Guaporé no início de 1900, no mesmo período em que as redes de friulanos, que eram “vizinhos” na Europa, migraram internamente de Monte Belo do Sul para aquela colônia. Esses movimentos marcavam as novas colonizações empenhadas pelos sujeitos que inicialmente haviam se instalado nas colônias antigas do Rio Grande do Sul.

Segundo Carlos Alberto, sobre a instalação da oficina de joias em Guaporé:

O seu João era uma pessoa muito aventureira, ele gostava de viajar e de

novidades. Era um visionário e provavelmente pensou: “É para lá que eu vou!”. Bento não adiantava, Alfredo Chaves não era o ideal. Porque em Guaporé já existia a elite política formada, tinha os Maia, Guerreiro... Guaporé tinha o Colégio Marista, que era internato, tinha o Colégio das Irmãs [Scalabrini], que era também internato, tinha seminário. Todo o pessoal da região [...] vinha estudar aqui [...] no início Guaporé não era muito diferente no potencial econômico que Bento e Caxias.

As colocações do bisneto de João refletem a rede que estava se constituindo em Guaporé. Nesse cenário, uma parte da família Pasquali uniu-se por vias matrimoniais à família do coronel Ernesto Francisco Bertaso, que era um dos sócios da colonizadora Bertaso, Maia e Cia. Ltda. Essa colonizadora envolvia diversos comerciantes da colônia por meio de múltiplos negócios, aproveitando a colonização do oeste de Santa Catarina²⁷. No início da década de 1900, Guaporé já abrigava, portanto, todo um sistema que deu continuidade à comercialização de terras em outros estados.

Vale salientar que, ao contrário do que aconteceu em Caxias do Sul e Bento Gonçalves, em Guaporé não houve investimento em estradas. Essa última localidade ficava totalmente dependente do Porto de Muçum e do sistema de carroças. Dessa forma, as colônias que investiram na estruturação das estradas desenvolveram-se no sentido de maior expansão comercial e industrial. Embora Guaporé hoje seja o segundo polo nacional e o primeiro estadual nas indústrias joalheira e têxtil, quando comparado com Bento Gonçalves e Caxias do Sul, apresenta um desenvolvimento econômico em atraso, justificado inicialmente por essa espécie de distanciamento de Guaporé com o restante do estado devido à falta de acessos rodoviários. Outro motivo para esse atraso foi a diminuição do território e conseqüentemente da população com o desmembramento dos distritos, quando comparado com os locais anteriormente citados.

Dessa forma, ao contrário daquilo que viria a suceder, Guaporé tinha potencial em território e população para expandir-se, e, conforme verificado no depoimento de Carlos Alberto, existia uma elite política já instalada. Ou seja, a colônia apresentava clientela em potencial para sustentar o investimento na produção artesanal de joias. Assim, Giovanni ou, conforme aportuguesou-se o nome no Brasil, João Pasquali e a esposa

27 Consultar Busato (2019).

Giacomina Zanchetta instalaram-se em Guaporé.

Figura 7 – Giacomina Zanchetta (Guaporé, década de 1950)



Fonte: arquivo pessoal da família Pasquali.

Na Figura 7, destacam-se as joias fabricadas por João Pasquali que adornam a esposa. Verifica-se ainda que Giacomina Zanchetta já se encontrava em idade avançada, uma vez que o registro foi realizado em Guaporé, na década de 1950.

Sobre os filhos do casal, Carlos Alberto e Martha Pasquali²⁸ relataram que:

Em Bento Gonçalves [a família Pasquali] tinha um armarinho, uma loja grande no centro [...], um armarinho que vendia tudo o que tu pudesse imaginar... Secos e molhados, uma loja muito conceituada, porque era completa. Eles eram em três irmãos na família, além do João, era o Alexandre, o Giacomo e o Basílio. Todos vieram para Porto Alegre e depois, com a família, para Bento Gonçalves. Depois o Basílio foi para a região de Anta Gorda [pertencia à colônia Guaporé], e a gente não soube mais dele. Já o Alexandre e o Giacomo ficaram em Bento Gonçalves, depois os filhos [deles] foram para São Paulo [...].

No relato dos irmãos, destaca-se o núcleo inicial de Lorenz Pasquali, patriarca que retornou para a Itália, sendo os filhos: Alexandre, Giovanni, Giacomo e Basílio. No início da colonização, além da

28 Foi realizada uma roda de conversa com os irmãos em Guaporé.

sociedade no transporte ligado ao vapor Montenegro, que direcionava os imigrantes para as respectivas colônias, a família também possuía um significativo comércio. Associando isso ao ofício da família ainda na Europa, comprova-se que, de fato, eles eram bem-sucedidos na península. Outro dado que aponta para a mesma direção é a distribuição da família em diferentes países – os irmãos de Lorenz optaram cada um por emigrar para os Estados Unidos da América e a Argentina. Verifica-se, portanto, que era um núcleo que teve a oportunidade de estrategicamente se direcionar para outros territórios, e certamente, de acordo com os relatos familiares, todos os patriarcas possuíam condições para prover estabilidade econômica em um novo país.

Salienta-se também que o núcleo era alfabetizado e instruído, sobretudo linguisticamente. Na pesquisa de campo apresentaram-se documentos que comprovam a instrução educacional formal bilíngue. Esse grau de instrução da família contribuiu também para os imigrantes João e Lorenz Pasquali, quando retornaram para a Itália, já saberem sobre como e onde fazer curso especializado em ourives, no início de 1900. Com relação à instrução escolar, Luchese (2005, p. 2), baseado em dados apresentados por Grosselli (1999), explica que:

Válido lembrar que as colônias da Serra Gaúcha foram ocupadas por italianos provenientes em sua maioria da região do norte da Itália, onde as políticas públicas desde muito se preocupavam com o processo de escolarização [...] na região de Trento, em 1880, as pessoas analfabetas com mais de 6 anos de idade eram cerca de 14,5% do total da população, sendo 12% entre homens e 16% entre as mulheres [...] a obrigação de frequência escolar dos 6 aos 12 anos estava em vigor desde 1774 e foi estendida a obrigatoriedade até os 14 anos em 1869. Certamente não migraram para a Região Colonial Italiana apenas trentinos, mas a situação escolar assemelhava-se nas demais regiões do norte, em especial aquelas que estiveram sob domínio Austro-Húngaro.

Sendo esta pesquisa baseada em estudos pontuais, quando confrontados, por exemplo, os friulanos – território vizinho ao Tirol- e os tirolezes da família Pasquali, há diferenças nos dados. Se comparado especificamente a Bolzano (no Alto Àdige), o Friuli esteve sob domínio do Império Austro-Húngaro por um período menor de tempo. As análises de Contelli (1994) acrescentam que, apesar do empenho austríaco

na instrução da população, havia: falta de professores nas comunidades mais afastadas, como era o caso dos friulanos; diferenças de oportunidades entre os gêneros; instrução apenas suficiente para a alfabetização básica; e necessidade de mão de obra que dificultava a frequência escolar. Nesse sentido, entre os friulanos, observou-se uma educação que possibilitava o aprendizado básico da leitura e da escrita. Enquanto, entre os tirolezes analisados, a formação educacional era mais formal. Julga-se essa informação pertinente ao que tange a fundamentação ao tema na esfera de domínio político/temporal, e conseqüentemente cultural, linguística e educacional de acordo com a base da liderança política prevalecente nos territórios. Apesar destas variantes, ambos os grupos se apresentaram alfabetizados, isso contraria a ideia de que os imigrantes eram generalizadamente analfabetos.

Em termos colonizatórios e educacionais no Rio Grande do Sul, a colônia Guaporé, diferentemente de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, foi colonizada majoritariamente por filhos e netos de italianos, havia, pois, diferenciações no quesito de instrução escolar trazida da Itália. Para uma real noção dos registros sobre alfabetização e/ou grau de instrução, é necessária uma pesquisa especificamente nessa localidade que se difere das primeiras colônias no estado. Nesse contexto, do depoimento de Carlos Alberto sobressai-se o Colégio Scalabrini, que, vale dizer, até a atualidade é uma instituição educacional religiosa e, por ser caracterizada como de ensino privado, ainda remete à “clientela” de uma elite.

Através do estudo dos casos pontuais analisados, identificam-se variações, mesmo entre sujeitos que partiram de um território com a mesma política de administração. Atrélendo-se ao estudo de caso realizado por Vangelista (2010), verifica-se mais uma variante. Na análise, mesmo Jean-Pierre Baridon sendo italiano, o protestantismo impulsionou as colônias recém-formadas por ele e por seu grupo (valdenses) a agir de forma diferenciada em relação às colônias italianas católicas.

A exemplo dos emigrantes católicos, para os quais o espaço era organizado não só em função da atividade produtiva, mas também dos polos da vida religiosa: a capela, a Igreja do Santo padroeiro, a Igreja paroquial, os valdenses no Uruguai percebiam e construíam um espaço imaterial no qual primeiramente a escola e quando possível o Templo representavam a centralidade do núcleo e ao mesmo tempo ordenavam a hierarquia espacial dentro das colônias, e

das colônias entre si (VANGELISTA, 2010, p. 19).

No estudo da região de Trento realizado por Altmayer (2016), observa-se que, além da língua e de determinada cultura germânica, existia a preocupação da Igreja Católica quanto à expansão do protestantismo. Para os protestantes, conforme o estudo de caso de Jean-Pierre Baridon, era importante, independentemente da nacionalidade, a alfabetização, porque a leitura da *Bíblia* era parte da ritualização da crença (VANGELISTA, 2010). Verificando brevemente as “micro-histórias” de, por exemplo, friulanos, tirolese e, no caso das depoentes, descendentes de agricultores de origem vêneta, percebem-se variações. É fato que a chamada “nova historiografia”, com estudos mais minuciosos de fontes, torna possível evidenciar que muitas generalizações sobre o analfabetismo são incoerentes²⁹, e, na esfera das microanálises deste estudo, é possível notar que existem variações, inclusive, entre os graus de ensino.

Quando analisada a família Pasquali em associação aos estudos de Vangelista (2010), Altmayer (2016) e Luchese (2005), levanta-se a hipótese de que o protestantismo crescente na região tirolese impulsionou a alfabetização significativa do território. São apenas, contudo, suposições em que se reflete tal fator, uma vez que se observam variantes mesmo entre imigrantes provindos do Norte da Itália e de regiões com domínio austro-húngaro. Uma vez que o tocante da instrução escolar atinge diretamente os sujeitos analisados, mesmo demonstrando que, entre os friulanos, também havia aqueles que ocupavam os cargos de professor, não se poderia deixar de apresentar tais variações em uma mesma escala de trabalho.

O fator alfabetização ocorrido ainda na Itália está diretamente conectado a este estudo de caso, pois, principalmente os homens, entre os friulanos e, posteriormente, os tirolese, mostraram-se alfabetizados e conhecedores de mais de um idioma. No caso dos friulanos, o conhecimento de outras línguas estava diretamente conectado à necessidade das migrações sazonais para outras partes da Itália e da Europa Central. Referente aos Pasquali, essa característica também se deve ao fato de a região de procedência, em especial a província de origem, permanecer por longo período sob influência de uma cultura germânica acentuada, lembrando que uma parte do Trentino-Alto Ádige foi território austríaco até 1918.

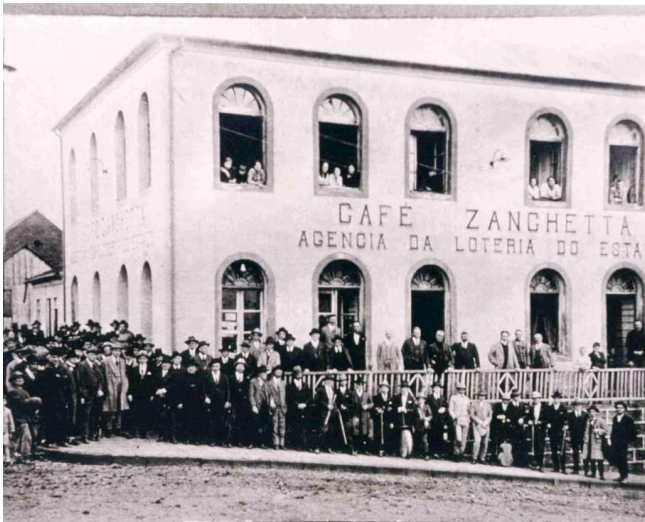
²⁹ Nesse sentido, consultar Luchese (2014).

2.1.2 João Pasquali e Giacomina Zanchetta em Guaporé

A esposa de João Pasquali, Giacomina Zanchetta, era filha dos proprietários do Hotel Zanchetta na colônia Alfredo Chaves, atual Veranópolis. A família Zanchetta é originária de localidade próxima à província de Treviso, região do Vêneto. Anterior ao ofício de ourives, João Pasquali era um *staffeta* (uma espécie de carteiro) que circulava entre as colônias de Bento Gonçalves e Alfredo Chaves. Durante essas viagens, ele conheceu a futura esposa.

O Hotel Zanchetta foi um estabelecimento significativo na história da colonização de Alfredo Chaves. Os proprietários desses estabelecimentos representavam uma determinada elite econômica, eram importantes para o desenvolvimento comercial das regiões de colonização, uma vez que os transportes ocorriam por tração animal, e os caixeiros-viajantes levavam dias para chegar ao destino. Assim, os hotéis, pousadas, casas de pasto e afins eram fundamentais nessa engrenagem econômica. Nessas relações, os casamentos entre as elites se costuravam. O casal João Pasquali e Giacomina Zanchetta teve apenas dois filhos que chegaram à idade adulta: Albino e Lourenço.

Figura 8 – Café Zanchetta (década de 1900)



Fonte: acervo Elégio Parise (apud COMARÚ, 2012, p. 647).

A família de Giacomina Zanchetta inicialmente era proprietária de um café, posteriormente ampliou-se o local para um hotel que foi significativo para Alfredo Chaves e a região, pois, conforme arrolado, as viagens duravam diversos dias e dependiam costumeiramente da tração animal.

Após o matrimônio e a migração para Guaporé, em 1909, João Pasquali, fundou a empresa. Posteriormente, um de seus primeiros funcionários foi Antonio Silvestre Spiller, que trazia de berço o conhecimento como ourives e já havia, inclusive, sido funcionário da família Sebben, a segunda família a fundar empresa joalheira em Guaporé.

De acordo com os Pasquali, de 1909 até 1945, o estabelecimento era caracterizado como essencialmente artesão. De 1946 em diante, tornou-se indústria. O casal Giacomina e João Pasquali teve apenas dois filhos, Lourenço e Albino, sendo que o segundo apresentava certa habilidade comercial. Na década de 1950, os irmãos separam a sociedade. Lourenço, então, assumiu a indústria e continuou o gerenciamento empresarial com o auxílio da esposa Luiza Hack. Na fase de industrialização, foram agregados sócios fora do contexto familiar ao empreendimento.

Albino, do primeiro casamento, com Jaci Burlamaque, teve apenas um filho, Sérgio Mário, que seguiu carreira militar e não se envolveu com os negócios familiares. Já Lourenço e Luiza Hack tiveram três filhos: Ildo, Ilson e Lórys. Cada um deles casou-se e gerou descendentes. Lórys retirou-se da empresa em 1986, e, na década de 1990, outros sócios externos à esfera familiar também deixaram o grupo.

Restaram no quadro Ildo, com os filhos Carlos Alberto e Lourenço Neto, e Ilson, com os filhos José Henrique e Gustavo. Com o falecimento de Ildo Pasquali em 1997, a empresa seguiu sob a direção dos demais integrantes familiares até 2005, momento em que os filhos de Ilson optaram por retirar-se da indústria Pasli Joias. Posteriormente, fundaram a própria empresa, também do ramo joalheiro, batizada de HP Metais Folheados Ltda., que continua em pleno funcionamento e é dirigida pelos irmãos José Henrique e Gustavo Pasquali. A Pasli Joias, por seu turno, atualmente está sob o comando dos irmãos Carlos Alberto e Lourenço Neto.

Figura 9 – Estabelecimento comercial da família Pasquali (Guaporé, 1975)



Fonte: Centenário da imigração italiana, 1875-1975 (1975, p. 227).

Na Figura 9, observa-se uma das propriedades da família Pasquali. Nela uma parte dos descendentes de João Pasquali mantém a loja da empresa HP Metais. A construção localiza-se na região central de Guaporé e soma-se a outros lotes centrais de que a família é proprietária desde os anos iniciais da fundação da colônia Guaporé. A indústria, propriedade da outra parte da família (Pasli Joias), funciona nas antigas dependências da indústria calçadista Paquetá, localizando-se próxima à estrutura que resta do Curtume Termignoni, em uma das extremidades da Linha Três de Maio.

Figura 10 – Ildo Pasquali com o bispo Dom Claudio Colling (Guaporé, década de 1950)



Fonte: arquivo pessoal da família Pasquali. Legenda (da esquerda para a direita): Ildo Pasquali e Dom Claudio Colling³⁰.

30 Não foi possível identificar os demais integrantes da fotografia.

Na Figura 10, da década de 1950, observam-se Ildo Pasquali e o bispo Dom Cláudio Colling, além de outros dois sujeitos, nas dependências da Pasli Joias.

Em resumo, a oficina de ourivesaria fundada em 1909 pelo patriarca João Pasquali, em 1946, passou pelo processo de industrialização. Na década de 1980 os bisnetos de João começaram a trabalhar na indústria juntamente com os pais: Ildo, Ilson e Lórys. Em 1986, parte dos herdeiros retirou-se da empresa, permanecendo o restante do núcleo familiar trabalhando em associação até 2005, quando o ramo de Ilson deixou a sociedade e fundou uma nova indústria. Atualmente a empresa pioneira é propriedade dos filhos de Ildo Pasquali: Carlos Alberto e Lourenço Neto. A família esclareceu que foi um processo de separação amigável, em que todos tiveram a oportunidade de crescimento, e cada ramo dos bisnetos de João ligados à indústria joalheira segue com visões e negócios diferentes no universo industrial.

Referente ao nascimento da industrialização, Pesavento (1985, p. 30) esclarece:

Em alguns casos, a indústria já nasceu pronta, ou seja, o comerciante aplicou o seu capital na montagem de sua empresa que já surgiu como indústria propriamente dita, em um estágio que se denominaria “fabril-manufatureiro” [...]. Em outros casos, contudo, a indústria apareceu como o resultado de uma evolução da unidade artesanal para a empresa fabril-manufatureira, ou de pequena empresa com origem familiar para a grande fábrica.

Quando se analisam a fundação da indústria Pasli Joias e a estrutura familiar dos Pasquali, surgem três questões. Neste estudo de caso, 1) os imigrantes já comercializavam joias na Europa, conforme os depoimentos da família; 2) assim que chegaram ao Brasil, trabalharam em várias frentes ligadas ao comércio no Rio Grande do Sul, especialmente com o transporte fluvial de imigrantes a partir do vapor Montenegro e com a casa comercial localizada na parte central de Bento Gonçalves; e 3) em Guaporé, houve a transmutação do trabalho de artesão de João, da oficina para a indústria.

Portanto, dentro da proposta de Pesavento (1985) – de que algumas indústrias nasceram do dinheiro aplicado do comércio, e outras, da evolução do artesanal para o industrial –, a trajetória empresarial e

familiar dos Pasquali aplica-se a ambas as situações. Isso demonstra que um processo pode perfeitamente estar atrelado a outro, uma vez que João Pasquali, além de herdeiro de capital monetário provindo de questões comerciais no Rio Grande do Sul, após ter investido em curso de preparação de ourives na Itália, montou a própria oficina, essencialmente artesã, a qual evoluiu para o âmbito industrial. Ou seja, nessa situação, fez-se uso tanto do lucro provindo de herança comercial quanto da transição do artesanal para o industrial.

2.1.3 Herdeiros da Pasli Joias: Guaporé e São Paulo

Carlos Alberto e Martha Pasquali, sobre o tio-avô Albino, observaram que ele tinha um sócio em São Paulo no trabalho com as joias, uma vez que comercializava diversos artigos. Esse sócio era Raul Michelin, cuja empresa fundiu-se depois na Rommanel.

Albino vendeu a sua parte para o Michelin, que por sua vez colocou o folheado e se tornou uma grande fabricante de folheado, e depois o folheado veio para Guaporé por causa do Michelin. As empresas em Guaporé [referindo-se às primeiras] Pasli, Spolli e Sebben achavam que o folheado não era um produto de qualidade. O precursor dos folheados em Guaporé foi o Heitor Girelli, das Joias Girelli.

Com a separação dos irmãos Pasquali, Albino transferiu-se para São Paulo, onde, entre os vários negócios que interligavam os dois estados (Rio Grande do Sul e São Paulo), associou-se à empresa Michelin, a precursora das joias folheadas.

Sobre a industrialização em São Paulo, efetivamente foi o capital cafeeiro o que promoveu a primeira expansão industrial, de forma tanto direta como indireta. Os próprios fazendeiros investiam os lucros em indústrias, quando esses lucros transitavam pelo sistema bancário. Não se quer com isso afirmar que apenas os fazendeiros promoveram a implantação de indústrias. As evidências históricas demonstram que também comerciantes, banqueiros, imigrantes, importadores e outros agentes do complexo cafeeiro fundaram ou adquiriram empresas industriais (CANO, 2007, p. 135).

Ainda remetendo ao comércio e à transição para empresas familiares em São Paulo, De Ruggiero (2018) explana sobre o comércio de

gêneros alimentícios “étnicos” importados, que oportunizou a muitos italianos, por meio da fundação de “casas de despachos” e revendas, tornarem-se inicialmente comerciantes. Em 1906, dos quatro milhões de habitantes em São Paulo, em torno de $\frac{1}{4}$ era de italianos e/ou descendentes. O autor demonstra que ocorreram esforços principalmente a partir do governo de Francesco Crispi (1887-1889), para promover um maior comércio entre Itália e Brasil, mas, “na ausência de acordos comerciais efetivos, que se concretizaram somente em 1950, as relações de importações e exportação entre o Brasil e a Itália não foram intensas como poderiam ser, considerando o grande potencial numérico” (DE RUGGIERO, 2018, p. 126). Dessa forma, muitos italianos fixados no Brasil passaram a substituir alguns produtos do país de origem por alimentos locais produzidos. Porém, seguindo o “uso italiano”, o comércio desses produtos expandiu-se para outras cidades paulistas, além do Sul de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

São Paulo destacava-se amplamente, seja pelo número crescente de italianos que a escolheram como moradia, seja pelo fato que as escassas indústrias agrícolas ali presentes no final do século conectavam-se quase exclusivamente às lavouras do café, do açúcar ou do algodão. Os comerciantes italianos encontravam, assim, um ambiente propício para comercializar com maior facilidade vinhos, queijos e azeites característicos da península, que tinham uma grande reputação pela qualidade e genuinidade [...], entre fevereiro e maio de 1902 foi fundada na capital paulista uma Câmara de Comércio Ítalo-Brasileira pela iniciativa de um grupo de banqueiros e empreendedores italianos ativos na capital do café, aos quais se agregaram outros imigrantes de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. O objetivo da instituição foi de “revigorar as relações da colônia com a pátria-mãe aumentando as transações recíprocas” [...] e de aglutinar os interesses econômicos dos italianos [...], sobretudo nos setores mercadológicos a baixo investimento de capital, como a venda dos gêneros alimentícios de importação (DE RUGGIERO, 2018, p. 128).

O autor explica que esse processo de negócios coligando Itália e Brasil foi ampliado “com o emprego de caixeiros-viajantes a serviço das principais casas comerciais italianas que, denominados ‘mascates’, enfrentavam as dificuldades dos transportes para estender a rede dos produtos italianos mesmo na direção das fazendas e das colônias agrícolas no interior do Estado” (DE RUGGIERO, 2018, p. 128). Essa rede também

foi ampliada pelos comerciantes/negociantes, chamados de “cometas”, que viajavam de um país a outro em busca de produtos. Portanto, muitos industriais ítalo-paulistas ascenderam com o comércio de importação de produtos italianos. Por exemplo, Giuseppe Martinelli, que a partir da casa Fratelli Martinelli tornou-se representante oficial de casas exportadoras italianas. Assim como os irmãos Fiaccadori, que possuíam filiais especializadas no comércio do *parmigiano reggiano* e de *Lambrusco modenese* em São Paulo, Nova Iorque e Buenos Aires. Já Luigi Matarazzo possuía vastos magazines e importava da Itália licores e vinhos, enquanto a família de Eusebio Gamba, em função de patrimônio atribuído ao comércio de importação de produtos italianos em São Paulo, pôde expandir os negócios. A empresa Bertolli, que se fundiu com a Andreotti (especializada no comércio de atacado de gêneros alimentícios italianos), expandiu-se através dos representantes na cidade de Porto Alegre, capital do segundo estado brasileiro numericamente mais envolvido na imigração italiana (DE RUGGIERO, 2018)³¹.

Com base na bibliografia comentada, é possível compreender a economia paulista associada aos cafezais, além de correlacionar São Paulo e Rio Grande do Sul em aspectos envolvendo comércio e industrialização voltados para os imigrantes e/ou descendentes de italianos. Ao comparar esta análise com a de De Ruggiero (2018), verifica-se que existia essa mútua colaboração entre descendentes de italianos originários de ambos os estados. Tratando-se da indústria joalheira, conforme comentado, enquanto Guaporé no Rio Grande do Sul é o segundo polo nacional do setor, Limeira, em São Paulo, ocupa o primeiro lugar. De acordo com os relatos apresentados, a produção de semijoias com banho de folheado teve papel central na relação da família gaúcha Pasquali com a indústria Michelin instalada em São Paulo. Anterior ao folheado, a produção joalheira era categorizada entre joia (ouro e prata) e bijuteria, as chamadas réplicas de joia. O sistema folheado tornou os produtos possíveis e acessíveis ao maior público.

Por meio da galvanização com liga de metais desenvolvida pela Michelin, iniciou-se um processo diferenciado na indústria joalheira do

31 No artigo “A saudade dos sabores e o comércio étnico dos imigrantes italianos no Brasil (1875-1914)” (2018), Antonio de Ruggiero exemplifica a trajetória empresarial de vários outros sujeitos.

país ao qual, no início, Albino Pasquali estava diretamente conectado. Antes dos folheados, o mercado estava restrito a um grupo com maior poder aquisitivo, devido aos altos custos do material. Conforme os descendentes da família Pasquali, o chapeado era fabricado com camadas de latão e ouro, enquanto o folheado leva apenas um leve banho de ouro. As joias que antes eram chapeadas com latão e ouro passaram pela modernização que trouxe a galvanização criada pela empresa Michelin. A sucessora da Michelin, segundo as fontes consultadas, é a empresa Rommanel.

Na realidade o Michelin teve um problema interno na sucessão da sociedade, que é normal, daí uns funcionários e diretores da Michelin se retiraram e fundaram a Rommanel, e a Michelin continuou, só que o Michelin hoje não existe mais, e a Rommanel prosseguiu [...]. A Rommanel permanece em São Paulo, é uma gigante! [...]. A partir do Albino que o Nelson Gallon de Guaporé foi um dos proprietários da Michelin e depois foi proprietário da Rommanel também, ele foi indicado pelo meu pai [Ildo Pasquali] para trabalhar com o seu Raul Michelin.

Com base no relato, evidencia-se que o estado de São Paulo abriga a empresa Rommanel, fundada por funcionários da Michelin. Salienta-se ainda o envolvimento dos Pasquali na indicação de novos associados: isso mostra como se constituíam essas redes de descendentes de italianos instalados em estados diversos, a partir da emigração distinta dos antepassados para o Brasil, e como se conectavam por meio de empreendimentos que interligavam ambos os estados.

Verifica-se também que as três primeiras indústrias joalheiras em Guaporé – Pasquali, Sebben e Spiller –, adeptas ao processo do chapeado, ao longo dos anos sentiram a necessidade de se voltar para a técnica da joia folheada. Houve, inclusive, a expansão do setor, favorecida pelo novo método. Quando questionado sobre como eram as relações entre as três primeiras indústrias, uma vez que Antonio Silvestre Spiller era funcionário dos Pasquali e posteriormente abriu concorrência, e sobre se havia algum segredo nas produções, Carlos Alberto esclareceu que:

Na época do chapeado, sim [havia segredos], por isso que tanto tempo ficou limitado em três empresas em Guaporé, cada empresa mantinha seu segredo. Depois, quando começou a parte da galvânica folheado, na época se comprava a tecnologia de empresas de São Paulo. Por isso que hoje em dia qualquer fundo de quintal monta a sua empresa.

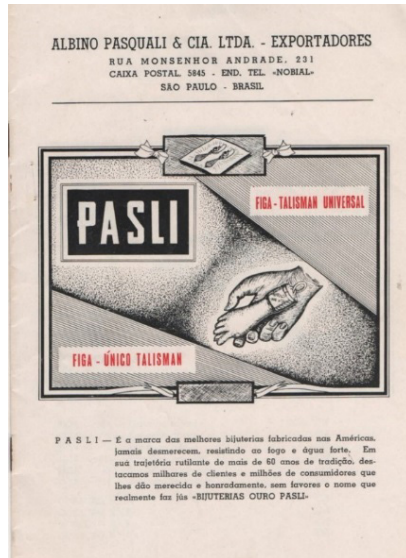
Desde a galvanoplastia, houve a possibilidade de mais empresários adquirirem a tecnologia inicialmente concentrada no estado de São Paulo. Isso favoreceu a massificação das empresas dessa espécie em Guaporé, que predominam até a atualidade.

Albino Pasquali, mesmo depois da separação da sociedade com o irmão Lourenço, continuou envolvido no setor. Em função de um enfisema pulmonar, precisou desfazer a sociedade com Raul Michelin, mas permaneceu atuando em outros mercados, além de ser representante da empresa Pasli Joias em São Paulo.

O Albino foi para São Paulo vendendo joias, couro e vinho. Ele vinha para Guaporé, pegava os expoentes da juventude e dizia: “Vamos para São Paulo, estou te esperando lá!”. Eles iam, e ele construía aquela piaçada na venda [...]. O Albino em São Paulo trabalhava com representações de vendas do Corbetta, o curtume de Muçum, da vinícola Salton [de Bento Gonçalves], e do [curtume] Fuga de Marau.

Assim como evidencia De Ruggiero (2010) sobre a demanda de mercadorias em São Paulo decorrente da grande emigração italiana para aquele estado, que representava um mercado a ser explorado por meio da comercialização de produtos, neste estudo de caso, observaram-se, mesmo que muito superficialmente, as redes comerciais que se infiltravam entre os industrialistas no interior do Rio Grande do Sul, com possibilidades comerciais em São Paulo. Ademais as amizades e a prospecção de vendas, o centro urbano na Região Sudoeste era significativamente maior que o rio-grandense, e, ao mesmo tempo, ocorria uma certa identificação étnica, o que propiciava determinado conhecimento das necessidades da população, que poderiam ser supridas por meio da produção em diversos setores, como o vinícola, o coureiro e o joalheiro, que estavam se desenvolvendo na parte serrana do Rio Grande do Sul. Dessa forma, enquanto no interior do estado sulista investia-se na industrialização no período pós-Segunda Guerra Mundial, a juventude interiorana rumava para São Paulo, a fim de vender os produtos da colônia através dos contatos da elite de Guaporé.

Figura 11 – Livreto com contato de Albino Pasquali (década de 1950)



Fonte: arquivo pessoal da família Pasquali.

Com base na Figura 11, evidencia-se que Albino Pasquali, embora não fizesse mais parte da sociedade na indústria familiar, continuava como sócio em vendas, dirigidas especialmente para o estado de São Paulo. Ele não voltou mais a residir no Rio Grande do Sul, reconstruiu a vida pessoal e profissional longe da Serra Gaúcha, apesar das visitas constantes a família e amigos em Guaporé, quando prospectava os interessados a trabalhar com a equipe de vendas no estado paulista.

Quanto ao outro irmão, Lourenço Pasquali era adepto à criação de cavalos de corrida, contava, então, com a esposa para gerir a empresa. Destaca-se, dessa forma, a figura de Luiza Hack frente à administração, em conjunto com os filhos, da indústria Pasli Joias.

2.1.4 Luiza Hack e a presença administrativa na Pasli Joias

Com a expansão do setor artesanal para o industrial, na década de 1950, sentiu-se a necessidade de agregar novos colaboradores, com especializações específicas, pois a consequência da industrialização foi a produção em larga escala. Naquela época, os filhos Albino e Lourenço já

estavam traçando trajetórias diversas. A nora de João Pasquali (fundador da empresa), chamada Luiza Hack – casada com Lourenço e madrinha de um dos descendentes da família Spiller, funcionários de confiança dos Pasquali –, conduzia, então, a indústria familiar. Martha Pasquali, neta de Luiza, destacou que

Observe o cara que criou a empresa: [João Pasquali] veio para o Brasil como italiano, mas a influência na empresa era da Luiza, repare na escola. E existia uma excelente relação do sogro com a nora, era uma identidade entre eles. A Oma [avó, em língua alemã], ela era o macho-alfa.

Luiza Hack, provinda da parte de colonização alemã no Rio Grande do Sul (colônia Maratá, atual município de Montenegro) e filha de proprietários de hotel, diferenciava-se pelas questões tanto étnicas quanto religiosas na colônia Guaporé, uma vez que era luterana. De acordo com os netos, havia uma identificação cultural e de personalidade dela com o sogro (provindo de Bronzolo): ambos falavam alemão e tinham “espírito de liderança”, isso fazia com que a empresa fosse pensada, e as decisões, tomadas entre João Pasquali e Luiza Hack, mesmo o patriarca não estando mais cotidianamente presente no empreendimento. Dentro do lar, os planejamentos eram feitos por eles e discutidos com os demais membros familiares. Martha Pasquali, ao falar sobre a avó, salientou que:

Ela sempre dizia: “Tu não esquece que quem sabe fazer sabe mandar!”. E eu nunca esqueci! E era muito interessante porque, assim, [...] quando ela foi empreender a panificadora e confeitaria, porque ela tinha parte de pães e confeitos, então, era padaria e confeitaria ou panificadora. Então, quando ela fez esse empreendimento, ela fez a troca de ideias com o meu bisavô [João] e com o meu pai [Ildo] [...]. E o meu avô [Lourenço], ele não! Ele: “Ah, faz como vocês querem! Por mim, está tudo certo!”. Ele dizia: “Manda que eu obedeço!”. E ela mandava, e ele obedecia [risos]. Mas ele era muito querido, ele não se importava, ele ia lá para as coqueiras, fazia um foguinho, a purificação [referindo-se à purificação de metais, que era o principal segredo da Pasli Joias].

Luiza, constatando que existia um vácuo na oferta de determinados produtos alimentícios na colônia majoritariamente composta por italianos, e que esses produtos eram abundantes na colônia alemã (determinados biscoitos, doces, cucas de receita alemã), percebeu a oportunidade de empreender. Assim, em meados da década de

1940, instalou uma padaria e confeitaria, localizada na área central de Guaporé. Conforme o depoimento da neta Martha Pasquali, o local foi organizado de forma particular, que remetia à decoração germânica. Os produtos tinham um sabor variado daqueles típicos da colonização italiana³², que obviamente haviam sido adaptados e reinventados no Novo Mundo.

Antonio Spiller, filho de Antonio Silvestre Spiller, neto do patriarca da família Spiller em Guaporé e afilhado de Luiza Hack, comentou que

A mãe trabalhou junto na oficina [referindo-se à oficina de joias de Antonio Silvestre Spiller] e mais no início, quando o pai trabalhou nos Pasquali, ela era empregada da família. Era empregada do Lourenço Pasquali e da dona Luiza. Então, o pai trabalhava na fábrica, e ela, na casa e na padaria. Essa senhora, dona Luiza, era alemã e fazia uns doces maravilhosos! Só não dava a receita para ninguém, nem para minha mãe, que trabalhava como doméstica. E a dona Luiza era minha madrinha. E minha mãe fazia tudo, mas na hora das misturas nem na cozinha ela deixava ficar. Por exemplo: “Que tempero você usa?”. Ninguém sabia! Eles eram meus padrinhos de nascimento, e sempre tivemos um bom relacionamento com eles e tudo mais!

O relato de Antonio Spiller abarca questões interessantes, a começar pelo fato de a matriarca da família Spiller também ajudar o esposo, que montou a própria oficina depois de trabalhar com a família Pasquali. Além disso, existiam relações entre ambas as famílias, incluindo laços de compadrio; isso, entretanto, não significava a exposição total aos “segredos” nos negócios da família Pasquali.

Spiller explica:

Quando assumi a fábrica do meu pai, tinha um tipo de serviço, que era a purificação de metais, que nós não sabíamos fazer, e eles sabiam, mas não passavam a formulação. Era um negócio fechado. E isso, de maneira nenhuma, é por falta de afinidade, nós nos damos muito bem a vida inteira, era simplesmente uma maneira de ser.

Os relatos de Martha e Carlos Alberto Pasquali e de Antonio Spiller se complementam, uma vez que se confirma que existiam segredos entre as famílias industrialistas. Sobre a figura da avó, Martha

³² Sobre as relações de empreendedorismo familiar de imigrantes italianos, consultar Ambiedo (2018), que discute o pastificio da família Pappalardo na cidade de Porto Alegre.

destacou que

Era muito bacana, porque tinham as reuniões dos três filhos [Ibson, Ildo e Lórys] com a matriarca [Luiza] na empresa. Daí eles [Luiza e Lourenço] tinham um fusquinha, e ela fechava a casa e dizia para o meu avô: “Senta no carro que eu já vou” [...] sentava no carro e dizia: “Podemos ir, Lourenço!”. Ai ele dirigia e chegava na frente da Pasli, e ela dizia: “Acho que levo mais ou menos uma meia hora”. Daí ela descia [do automóvel] e fazia a reunião com os filhos, e ele [Lourenço] ou ficava no carro sentado ouvindo música, ou ia para outro lugar [o café América era e continua sendo frequentado pela elite local]. Era ela que decidia com os filhos. A empresa levava o nome do patriarca, mas quem trabalhava era a mulher! Essa época foi a época que eu vi, da empresa nova, mas na outra empresa [antes da industrialização] ela vendia na loja, mostrava as mercadorias, que eram muito valiosas para as pessoas, porque eles trabalhavam com ouro.

Apesar de o patriarca da família, filho do fundador, dominar a técnica de purificação de metais, que era imprescindível para a qualidade das joias, era a esposa que gerenciava os negócios e atuava com os filhos na administração da empresa.

Atrelando a histórias de mulheres que foram evidenciadas em análises historiográficas, mesmo que em cotidianos e vivências distintas, destaca-se a trajetória de Anna Maria Paoletti Rech, que, ao buscar emigrar viúva da Itália para o Rio Grande do Sul, enfrentou dificuldades ainda no embarque, uma vez que era obrigatória uma carta do patriarca da família para partir, mesmo Anna emigrando na companhia de dois filhos maiores de idade. Chegando ao Brasil, ela percebeu, ao instalar-se na Oitava Léguas (faz parte do território do município de Caxias do Sul), próximo à estrada dos tropeiros, a oportunidade de empreender, oferecendo às tropas e aos demais viajantes a opção de descanso tanto para eles quanto para os animais, ao construir um galpão que veio a funcionar não só como casa de pasto e pousada, mas também como ponto de vendas. Anna Rech também se tornou parteira na comunidade. Sua experiência “é uma demonstração da força de uma mulher que sai da pátria com a família e enfrenta obstáculos postos pelo fenômeno migratório. Apoiada pelos filhos maiores, consegue em pouco tempo se inserir na nova sociedade” (HERÉDIA, 2017, p. 239). O exemplo de Anna Rech ilustra que houve mulheres que empreenderam e obtiveram êxito.

Na linha de análise de mulheres em centros urbanos no Rio

Grande do Sul, Charão (2015) verifica, entre imigrantes italianas em Porto Alegre, a necessidade de, sozinhas, por décadas, garantirem o sustento dos filhos e a manutenção familiar. Charão (2015) expõe que, muito além dos trabalhos braçal e rural, dos quais se sabe que as italianas desempenharam duramente nas colônias, no meio urbano, essas mulheres também tiveram que buscar alternativas para se manter, oferecendo serviços de costura, assumindo empregos em fábricas, inserindo-se no comércio, lavando e passando “para fora”, atuando como empregadas domésticas. O fato é que as mulheres sempre tiveram papel central, mas infelizmente foram camufladas pela sociedade patriarcal de cada época. Esse contexto foi se alterando “[...] por grandes mudanças marcadas por três momentos: a chegada dos métodos contraceptivos, a entrada da mulher na Universidade ou até mesmo na escola e seu engajamento no mercado de trabalho” (CHARÃO, 2015, p. 163). Assim, para além do contexto agrícola, as mulheres desempenharam ofícios múltiplos também em cenários urbanos.

Ao encontro de Luiza Hack, descendente de imigrantes alemães, entrecruzam-se outras mulheres que foram observadas em estudos mais detalhados. Essas análises permitem “ver através do personagem”, sobretudo assuntos que até o momento foram pouco esmiuçados para além do contexto agrícola no que tange aos estudos sobre migrações e ofícios urbanos no Rio Grande do Sul. Portanto, “o estudo de caso oferece a possibilidade de alargamento da visão [...]. A estratégia permite a análise da dinâmica dos processos em sua complexidade, o que constitui sua condição específica de contribuição à construção do conhecimento científico” (PEREIRA; GODOY; TERÇARIOL, 2009, p. 429). Luiza Hack, mesmo estabelecendo-se, após o matrimônio, em Guaporé, uma colônia composta naquele período majoritariamente por descendentes de italianos, manteve os vínculos voltados para grupos com determinada ascendência germânica.

Sobre a padaria e confeitaria de Luiza, os colaboradores destacaram que foi de muito êxito, mas em 1948 o estabelecimento foi fechado, não por falta de clientes, mas em função da industrialização da empresa Pasquali, pois, além de gerenciá-la com os filhos, a matriarca trabalhava na venda direta dos produtos. De acordo com Antonio Carlos Spiller, que conviveu por longos anos com a madrinha:

[...] *a Luiza Hack, o marido dela sabia o ofício [referindo-se à técnica de purificação de metais], mas ele era mais calmo, e era ela que tocava os negócios, além da padaria, na fábrica era ela que organizava. O braço forte era ela! Quando é um casal, é a mulher que empurra o marido: “Vai, faz assim”, mas quem acaba aparecendo é o homem!*

Relacionado à questão das heranças, mesmo em contextos distintos, Seyferth (1985) explana sobre as formas do patrimônio fundiário entre camponeses do Vale do Itajaí Mirim, Santa Catarina, e as heranças quanto ao universo feminino, demonstrando que a estratégia se constitui em excluir as mulheres da herança da terra, em uma diferenciação entre dote e herança – ambos associados ao casamento, o dote é considerado um “costume italiano”, embora seja praticado também por colonos de ascendência germânica. “A mulher não herda terras porque a partir do casamento irá fazer parte de uma outra família. E pertencendo a uma outra família não tem o direito de ficar com uma parte da terra que deve pertencer a seus irmãos [...]. O dote assume, então, um caráter compensatório” (SEYFERTH, 1985, p. 15). Assim compreendido, ele funciona como uma espécie de ressarcimento pela falta da herança.

A indústria Pasquali acabou tendo as partes divididas entre os herdeiros de Lourenço Pasquali e Luiza Hack, uma vez que Sérgio Mário Pasquali seguiu carreira militar. Sobre a curiosidade em torno do fato de a direção da indústria sempre ter permanecido nas mãos dos herdeiros homens, já que a família é composta também por herdeiras, Martha comentou que, apesar de a *Oma* ter sido o carro-chefe da organização empresarial e posteriormente industrial, juntamente com o sogro e os filhos, os descendentes da família não se voltaram para tal dinâmica.

Para Carlos Alberto, com base na sua vivência particular, o convite para atuar com os demais parentes relaciona-se à formação universitária. Sobre a colocação, Martha observou que, quanto aos homens, não era necessário ter estudo para assumir o empreendimento familiar.

Carlos Alberto ressaltou que as irmãs tiveram herança, embora não tenham participado da administração empresarial.

Mas a Maria Antonieta [referindo-se à irmã primogênita] foi para Porto Alegre, todas elas estudaram! Essa daqui [apontando para Martha] fez odontologia, a outra fez sociologia, a outra fez psicologia, e a Martha também fez serviço social.

O herdeiro justificou que, apesar de não terem assumido a empresa, elas tiveram oportunidade para ter uma profissão que provesse o sustento. Martha, entretanto, esclareceu que,

Antes de fazer qualquer faculdade, eu liguei para o meu pai [Ildo] e falei: “Pai, eu posso entrar na empresa? Eu faço administração [referindo-se ao curso superior], eu faço, eu faço!”. Ele me disse: “Se tu quiser ser balconista...”. Então, como eu vi que não iria crescer na empresa, fui fazer outra coisa [odontologia e serviço social].

Dessa forma, evidenciou-se que a família facilitou o acesso ao estudo, incentivando-as a se graduar, mas, ao contrário da trajetória da avó, as mulheres (todas irmãs) não tiveram a oportunidade de gerenciar a empresa familiar. Mesmo sendo um caso diverso daqueles analisados por Seyferth (1985), também nas famílias mais abastadas, as mulheres não surgem costumeiramente como protagonistas na esfera administrativa, ou possuem heranças que não necessariamente são atreladas às indústrias.

Figura 12 – Descendentes de João Pasquali (Guaporé, outubro de 2020)³³



Fonte: autora. Legenda (da esquerda para a direita): Carlos Alberto, Martha e Lourenço Neto.

Na Figura 12, encontram-se os interlocutores desta pesquisa, filhos

³³ Meu agradecimento especial aos integrantes da família Dexheimer Pasquali, que não mediram esforços para auxiliar-me em diversos momentos da pesquisa.

de Ildo Pasquali e Hilda Ruschel Dexheimer. Carlos Alberto e Lourenço Neto administram atualmente a Pasli Joias.

Nos depoimentos, foi expressiva a opinião de que, diferentemente da época dos antepassados, quando passaram de artesãos para industrialistas, atualmente é necessário manter a indústria com determinada tecnologia e com um porte menor, para poder sobreviver ao mercado joalheiro e aos altos impostos que os industrialistas precisam pagar no Brasil.

Outra figura feminina conectada à família Pasquali foi Hilda Ruschel Dexheimer, casada com Ildo Pasquali e mãe dos colaboradores deste estudo. Os Ruschel, comerciantes e industrialistas, uniram-se aos Dexheimer, envolvidos com a administração do Banco do Comércio na localidade e em colônias próximas, e ambas as famílias foram colonizadoras em Estrela, no Vale do Taquari.

Observa-se que, embora o patriarca da família Pasquali, com instrução na língua tanto italiana quanto germânica, tenha se casado com Giacomina Zanchetta, provinda da região do Vêneto, parte dos descendentes uniu-se via matrimônio com mulheres de descendência germânica. Conforme o depoimento de Martha Pasquali sobre a avó Luiza Hack, “havia uma identificação étnico-cultural com os germânicos, levando a um entendimento direto quanto à postura na administração da empresa”. De acordo com o que foi discutido anteriormente, parte do território da região do Trentino-Alto Ádige pertenceu ao Império Austro-Húngaro. Dessa forma, as culturas multifacetadas entre os universos italiano e germânico foram vivenciadas de forma mais intensa e trazidas para o Brasil. Neste estudo de caso, a “cultura germânica”, ou melhor, os resquícios de determinada língua e hábitos foram retomados significativamente pelos descendentes de João Pasquali, via enlaces com cônjuges de descendência alemã.

2.1.5 Conectando as famílias: Hack, Ruschel, Dexheimer e Pasquali

Trata-se brevemente das famílias Hack, Ruschel e Dexheimer, pois elas se conectam com os Pasquali e com outros industrialistas de descendência germânica em Guaporé. Conforme arrolou Martha Pasquali sobre os Dexheimer e Hack conectados aos Pasquali e Bertaso:

Era conhecida [Luiza Hack] como a dama de Guaporé. A família dela, Hack, tinha hotel em Boa Vista, na descida de Boa Vista, chamava-se Pinhal Alto e Passo de Santa Bárbara. A família era da Alemanha e aqui [no Rio Grande do Sul] veio para um local que era chamado de Maratá, interior de Montenegro, na parte da colonização alemã do Rio dos Sinos. A família Hack, depois daqui [Rio Grande do Sul], eles foram para São Lourenço do Oeste [no estado de Santa Catarina], porque eles tinham relação com os Bertaso. O Bertaso tinha terra no centro da sede Guaporé.

A ligação dos Pasquali aos Bertaso aconteceu em função do matrimônio de Paulo Pasquali (filho de Alexandre e sobrinho de João Pasquali) com Elsa Bertaso, filha do coronel Ernesto Bertaso. Observa-se que os matrimônios acarretavam interesses e oportunidades em comum, mesmo a conexão parental não sendo direta, uma vez que o Pasquali associado ao Bertaso era primo dos patriarcas da família de ourives em Guaporé.

Os Pasquali salientaram que os imigrantes da família chegaram ao Brasil alfabetizados nos dois idiomas, italiano e alemão, e, embora os matrimônios mistos rompessem o espaço inicial na cultura teuta, a língua alemã foi retomada como consequência dos enlaces com os descendentes de germânicos. Ou seja, apesar dos matrimônios com italianos de outras regiões, para além de questões econômicas da elite, pode-se afirmar, após conversa com a família, que havia certa identificação ou, no mínimo, simpatia pela cultura germânica. Inclusive, com relação à cidadania italiana, os Pasquali encontraram dificuldades em função de, nos passaportes e nos documentos de nascimento, os antepassados estarem registrados como austríacos do Tirol.

Sobre o contexto linguístico no âmbito familiar, Martha esclareceu que:

A Luiza falava em alemão, português e italiano com os cachorros, com as galinhas e comigo, tudo em alemão, e eu entendia. E o Opa [avô em alemão] ela xingava em alemão, mas depois tinha que traduzir para o português, porque ele não entendia! O Opa não entendia nada, já o nosso pai [Ildo] ela ensinou [...]. O filho mais velho deles [Ildo] acabou assumindo tudo com a administração da mãe.

O filho mais velho, Ildo Pasquali, que foi inserido na cultura e na língua dos descendentes de alemães, casou-se com Hilda Ruschel Dexheimer, filha de Maria Antonieta Ruschel e Alberto Dexheimer. Os

Ruschel eram industrialistas e comerciantes que migraram internamente pelo Rio Grande do Sul, centrando-se em Estrela³⁴ (local que apresentou significativa colonização germânica), onde se destacaram com comércio e indústria, enquanto os Dexheimer eram bancários do Banco do Comércio em Estrela e posteriormente em Guaporé.

Maria Antonieta era filha de Nicolau Ruschel e Valentina Wallau e neta de Michel Ruschel e Anna Maria Scholler, colonizadores em âmbito germânico da colônia de Estrela. Portanto, Hilda era bisneta de uma das primeiras famílias responsáveis pela migração alemã daquela colônia. Assim, a família Pasquali, através do matrimônio de Ildo e Hilda, conectou-se novamente aos descendentes de alemães no estado.

A trajetória da família Ruschel se confunde com a história de ocupação da colônia de Estrela³⁵. Durante a guerra dos farrapos, em 1835, estabeleceram-se os primeiros habitantes no lugar denominado Bom Retiro. A família Louzada e o fazendeiro Antônio Israel Ribeiro foram os primeiros moradores, possuindo grandes extensões de terras. Entretanto, a fundação ocorreu por volta do ano de 1856, época em que foi instalada a Fazenda Estrela, de propriedade do coronel Victorino José Ribeiro, cujas terras pertenciam administrativamente à freguesia de São José do Taquari, hoje município de Taquari. Dois anos depois, Carlos Arnt criou a colônia Teutônia, também em Taquari. Em 1872, o coronel Antônio Vitor Sampaio Menna Barreto, proprietário de terras, fundou o povoado sob a invocação de Santo Antônio. O coronel foi líder do movimento emancipatório e é considerado fundador de Estrela. Também em 1872, Sebastian Ruschel instalou-se com a família nessa colônia. Os Ruschel eram uma família numerosa e foram proprietários de indústrias e comércio local.

A Lei n. 857, de 02 de abril de 1873, criava a freguesia de Santo Antônio da Estrêla, que se desmembrava, assim, da de São José do

34 A distância entre Estrela e Guaporé é de 94 km. Estrela é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul. Localiza-se na mesorregião centro-oriental e na microrregião Lajeado-Estrela, no Vale do Taquari. De acordo com dados de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população do município é de 34.399 habitantes. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/estrela.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

35 Disponível em: <https://www.turismo.rs.gov.br/cidade/123/estrela#sobre>. Acesso em: 18 jun. 2021.

Taquari. O município se emancipou em 20 de maio de 1876, conforme a Lei n. 1.044, sancionada pelo então presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, sendo assim o segundo município mais antigo do Vale do Taquari.

Sebastian Ruschel³⁶ emigrou com a família da Alemanha, estabelecendo-se no início nas localidades de Feliz e Caí. Migrou posteriormente para a colônia de Estrela com os quatro filhos, Michel, Mathias, Nikolau e Peter. O patriarca adquiriu a moradia do coronel Menna Barreto, enquanto o filho Michel estabeleceu-se na sede da fazenda, chamada de Sobrado e posteriormente denominada Hotel Ruschel. Nesse local funcionaram casa de negócio e hospedaria. A casa comercial possui papel significativo na historiografia do chamado Vale do Taquari, pois serviu à região que dependia expressivamente do transporte fluvial. O dito Sobrado, ao longo dos anos, não só foi casa comercial, mas também fiabreria (local de comércio variado), hospedaria, clube recreativo, cervejaria, alfaiataria, sede administrativa municipal, correio, casa de justiça e colégio.

Michel Ruschel e Anna Maria tiveram oito filhos: Nikolau Sobrinho (avô de Hilda Ruschel Pasquali), Peter, Karoline, Mathias, Franz, Katharina, Wilhelm (Guilherme) e Raymund. Deles, Nikolau Sobrinho, que era marceneiro, instalou moinho na região. Mathias comercializava e transportava gado e demais produtos agrícolas para Porto Alegre. Peter era proprietário de uma cervejaria e, posteriormente, montou uma farmácia e em um anexo à casa comercial, era, então, considerado “médico prático” da localidade. E Franz, em 1895, fundou, em conjunto com J. Issler & Cia. de Porto Alegre, uma fábrica de banha no Vale do Taquari.

A comunicação de Estrela com Porto Alegre acontecia por meio da navegação, dessa forma, a família Ruschel tornou-se proprietária do vapor Estrella em 1887 e, como consequência, regularizou a navegação com acesso ao local, expandindo-se na esfera comercial, ofertando os produtos vindos de Muçum, Porto Alegre e outros locais através das

36 As informações relacionadas à família Ruschel tiveram por base os blogues de Airton Engster dos Santos (disponível em: <https://aeapan.blogspot.com/2016/04/historia-de-estrela-familia-ruschel.html>. Acesso em: 10 abr. 2021) e de Leandro Lampert (disponível em: <https://leandrolampert.blogspot.com/2016/02/os-ruschel-03.html>. Acesso em: 15 abr. 2021).

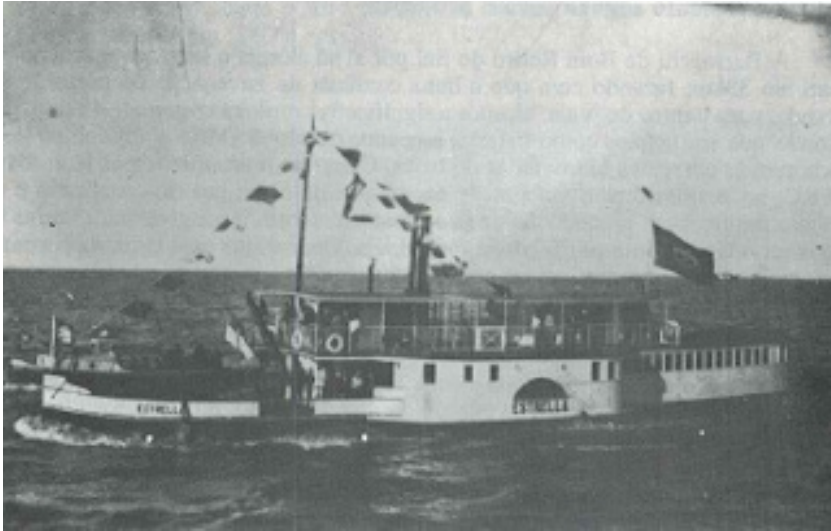
vendas. O vapor Estrella funcionou até 1922.

A firma Ruschel & Irmãos, fundada em 1904 pelos irmãos Nikolau Sobrinho, Mathias e Franz, investiu na energia elétrica na região. Posteriormente a empresa dos irmãos montou uma tecelagem de lã, que não chegou a entrar em funcionamento, devido a contratemplos trazidos pela Primeira Guerra Mundial. No lugar da tecelagem eles instalaram, pois, moinho elétrico destinado a moagem, entre outros, de trigo e beneficiamento de arroz. Assim, os filhos de Michel Ruschel e os descendentes exerceram atividades em diversos ramos: comércio, indústria, banco, agricultura e órgãos do governo (TONNON, 2010).

Na simbiose dos ofícios desempenhados pela família Ruschel, encontra-se a trajetória de A. J. Renner, que inicialmente auxiliava nas oficinas de refinaria de banha do pai, Jacob Renner, e casou-se com Matilde Trein, que provinha de família de comerciantes. Assim sendo, em 1907, Renner passou a ser sócio na empresa da família Trein e a trabalhar como caixeiro-viajante, com a finalidade de acumular capital para assumir posição mais importante na empresa. Em 1911, deixou esse ofício para entrar em nova sociedade, dessa vez em uma tecelagem. Em 1912, a empresa passou a chamar-se A. J. Renner & Cia. Com as finalidades de criar e desenvolver uma roupagem eficiente para os caixeiros-viajantes, Renner criou a capa Ideal, que funcionava como uma espécie de capa de chuva. A empresa Renner transferiu-se para Porto Alegre, e em 1922, após mudanças na sociedade, A. J. Renner iniciou a diversificação da produção, instituindo alfaiataria e fabricando ternos, tendo oportunidade de expandir pelo estado sul-rio-grandense a revenda exclusiva de seus produtos e oferecer os serviços de ajustes das roupas e vendas a prazo (AXT, 2014).

Da atuação de A. J. Renner, é a família Ruschel que mais apresenta semelhanças. Assim como Renner, os Ruschel analisados tinham origens germânicas e foram comerciantes e industrialistas, sendo que parte da família atuou no ramo de alfaiataria e desempenhou papel em negócios ligados à tecelagem e no comércio de diversos gêneros, incluindo o transporte fluvial na região de Estrela.

Figura 13 – Vapor Estrella



Fonte: Leandro Lampert³⁷.

A Figura 13 apresenta o vapor Estrella dos irmãos Ruschel. Em 1904, a empresa fluvial funcionava transportando cargas entre Muçum, portos intermediários e Porto Alegre.

Pelo matrimônio de Maria Antonieta Ruschel e Alberto Dexheimer, ambas as famílias se conectaram. Um integrante da família Ruschel Dexheimer, em função do envolvimento com o Banco do Comércio e da agência em Guaporé, migrou de Estrela para essa localidade, onde se conectou à família de comerciantes Camini e aos industrialistas Pasquali.

Em Estrela, eles moravam em cima da sede do Banco do Comércio com dez filhos. O tio veio para o Banco do Comércio em Guaporé e conheceu Laura Camini, que casou com o [Guido] Dexheimer; aí apresentou a irmã dele [Hilda Dexheimer] para o Pasquali, porque ela tinha um namorado que a família não queria, daí ela veio para Guaporé para despistar o namorado, daí a família falou para o nosso tio: “Leva para Guaporé!”.

Conforme Martha Pasquali, havia a preocupação da família em

37 Disponível em: <https://leandrolampert.blogspot.com/2016/02/os-ruschel-03.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

direcionar Hilda (que também era bancária) para outro relacionamento. Os colaboradores comentaram ainda que os Dexheimer trabalhavam a atividade bancária em conjunto com a prospecção e a importação de maquinário industrial e agrícola da Alemanha. Lourenço Pasquali, assim como outros industrialistas da colônia, era cliente dos Dexheimer. Nesse sentido, Martha comentou que:

Minha mãe veio de Estrela e foi visitar a família Pasquali porque o meu avô materno vendia máquinas que vinham da Alemanha e vendeu alguma máquina para o meu avô Pasquali, e meu tio materno trabalhava no Banco do Comércio em Guaporé, aí foi assim que meus avós materno e paterno se conheceram [...]. O meu avô materno também trabalhava no Banco do Comércio em Estrela, ele era advogado sem formação, era presidente da Soges [Sociedade de Ginástica de Estrela], ele era o contador e conselheiro das irmãs no colégio Bom Conselho [...] as meninas estudaram no colégio Bom Conselho.

O início das relações familiares entre os Dexheimer e os Pasquali aconteceu por meio da compra de máquinas da Alemanha; vale recordar também que os diversos núcleos da família Pasquali trabalhavam com comércio e diligência ligados a Montenegro, Bento Gonçalves e região, e que a família Hack era proprietária de um hotel em Montenegro. Ou seja, além dos negócios nas colônias italianas, havia conexão e comercialização com a colônia alemã. Por exemplo, conforme os depoimentos familiares, os Hack migraram internamente para o oeste de Santa Catarina, onde a família Bertaso, a qual estavam ligados pelo matrimônio de Paulo Pasquali, era proprietária de subcolonizadora juntamente com a elite política de Guaporé.

Salienta-se ainda que, de acordo com a bibliografia consultada e as informações de registros familiares, foram as famílias Ruschel e Radaelli que forneceram videiras dos colonos alemães para os italianos (TONON, 2010).

Figura 14 – Hilda Ruschel Dexheimer e Ildo Hack Pasquali
(Estrela, 08 de fevereiro de 1947)



Fonte: arquivo pessoal da família Pasquali.

A Figura 14 mostra o registro de matrimônio de Hilda Ruschel Dexheimer e Ildo Hack Pasquali³⁸, em Estrela, no dia 08 de fevereiro de 1947. Após o casamento, Hilda se transferiu para Guaporé. São os filhos desse casal que atualmente administram a empresa de origem joalheira fundada por João Pasquali em Guaporé.

Com base na discussão, evidencia-se que as famílias Hack, Ruschel, Dexheimer e Pasquali, entrelaçadas via matrimônios, apresentavam tradição cultural germânica e estavam conectadas via comércio, principalmente devido à navegação que girava em torno da imigração no Rio Grande do Sul, inicialmente em Montenegro, expandindo nas esferas comerciais para Estrela. A análise mais detalhada desses núcleos oferece aportes que abrangem desde a emigração “italiana” para o Brasil até a forma como essas famílias desenvolviam os ofícios acerca do comércio e dos portos de navegação e a estruturação em torno do porto (hotéis, transportes fluviais, comércio variado, inclusive de importação

38 Os sobrenomes maternos foram arrolados para melhor compreensão do leitor.

e exportação).

Relacionado aos ofícios, até o momento, neste estudo de caso, verificou-se que em esferas distintas, mas também tendo como renda principal em Guaporé o trabalho voltado para a área laborativa artesã, os friulanos, tirolezes, cimbrós e belluneses se assemelhavam, compartilhando aspectos relevantes dos pontos de emigração – migrações sazonais e território vizinho e montanhoso – e reproduzindo técnicas laborativas trazidas pelos antepassados. Os friulanos, em particular, destacavam-se como ferreiros, e os tirolezes, com comércio e ourivesaria, e nesse último caso observam-se dois aspectos centrais: 1) retorno proposital para a Itália, a fim de aprender e/ou se especializar em ourivesaria, e 2) retorno definitivo do patriarca para a região do Trentino-Alto Ádige. Entrecruzando a família Pasquali com outros dois grupos, complementa-se a questão das famílias de origem italiana precursoras da ourivesaria em Guaporé: Sebben, de Belluno, e Spiller, dos Pré-Alpes vicentinos.

2.2 Família Sebben

A descrição desta família será muito mais sucinta, pois, ao contrário dos Pasquali e dos Spiller, os Sebben não concordaram em ceder entrevista³⁹. Dessa forma, trabalhou-se com os registros históricos encontrados sobre o núcleo familiar.

A família Sebben é originária de Fonzaso, *comune* italiana localizada na província de Belluno, Vêneto. Belluno faz fronteira ao norte com a Áustria, ao leste com o Friuli Venezia Giulia (Udine e Pordenone), ao sul com as províncias venezianas de Treviso e Vicenza e ao oeste com o Trentino-Alto Ádige (Trento e Bolzano). Com exceção dos setores sudoeste e centro-leste, as fronteiras administrativas coincidem amplamente com as da Bacia do Piave.

Fonzaso também se encontra em local *pedemontano*, caracterizado no passado pelas migrações sazonais, já discutidas anteriormente. Essa

39 Provavelmente, acreditaram que este estudo de caso fosse semelhante ao trabalho coordenado por Ademir Antônio Bacca, publicado em livro, sobre os 150 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em função de o pesquisador ter visitado as indústrias joalheiras em Guaporé em pesquisa de campo. Mesmo após explicações sobre o teor desta análise, delimitada por um viés completamente distinto do estudo de Ademir Bacca, não se obteve sucesso.

comune, localizada a 329 metros de altitude, com 3.163⁴⁰ habitantes, situa-se, em relação aos demais pontos analisados, praticamente comprimida entre as regiões do Trentino-Alto Ádige e do Friuli.

Desde 1980 a Pro Loco, uma associação voluntária de Fonzaso, organiza eventos culturais e de entretenimento na cidade, como as chamadas festas patronais de Fonzaso e da aldeia de Arten. É destaque “o festival da uva e do vinho das montanhas belluneses”, oferecendo degustações, promovendo conferências/seminários com a participação de escolas agrícolas do Vêneto, apresentando o folclore, com visitas guiadas para mostrar a região, as vilas do século XVI e o Castel di San Micel, situado entre as rochas, acima da área urbana de Fonzasino. Um espaço de alimentação é montado na sede, para cada evento, onde é possível degustar pratos com produtos típicos locais acompanhados por vinhos da serra de Belluno⁴¹.

Conforme o pesquisador Mauro Bartolomeu Sebben, praticamente todos os Sebben que emigraram para o Brasil nas levas de 1875, 1876 e 1925 eram oriundos de Fonzaso. A origem da família Sebben, no Bellunese e no Instituto Genealógico Italiano, em Florença, Itália, é atribuída a Siben, nome de uma antiga cidade e sede episcopal da região do Tirol, nas proximidades de Bressanone⁴².

Em 1936, o imigrante italiano Zemiro Antônio Sebben e a esposa Anita D’Avila Sebben transferiram-se de Alfredo Chaves para a sede Guaporé. Zemiro era considerado um artista dos metais e habilidoso na produção de joias. Em Guaporé montou uma pequena oficina nos fundos da residência, onde moldava peças em ouro. Posteriormente, os filhos do casal passaram a ajudar o pai na oficina e a representar comercialmente a empresa familiar Joias Sebben.

Fundada como uma empresa de pequeno porte em 1936, foi ampliada com uma maior estrutura na década de 1950 e passou a produzir folheados de ouro em 1984. A família fazia o trajeto de Guaporé até São Paulo e levava as joias fabricadas para venda e/ou troca por ouro, a fim

40 De acordo com as informações da prefeitura do município, em dados recentes oficiais.

41 Disponível em: <http://prolocofonzaso.it/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

42 Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2014/10/09/familia-sebben-um-encontro-de-geracoes/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

de ter matéria-prima para o trabalho. O filho Gilson Sebben herdou a loja da família, localizada nas proximidades da prefeitura de Guaporé, e casou-se com Daisy Lunardi (irmã de Lorena Lunardi Termignoni, nora do proprietário da indústria coureira, Carlo Termignoni). O casal teve cinco filhos. Daisy assumiu a joalheria, enquanto Gilson voltou a trabalhar com o pai, quando este comprou um estabelecimento para a instalação da empresa Artefatos de Metais Sebben Ltda. (Figura 98) na década de 1960 (CENTENÁRIO..., 1975).

Figura 15 – Estabelecimento comercial da família Sebben (Guaporé, 1975)



Fonte: Centenário da imigração italiana, 1875-1975 (1975, p. 230).

A ampliação da estrutura para uma empresa de maior porte ocorreu em 18 de setembro de 1961 (CENTENÁRIO..., 1975, p. 230), e em 1984 iniciou-se a produção de folheados de ouro. Em 2016, a empresa Artefatos de Metais Sebben comemorou 80 anos de fundação, sendo que os netos do fundador seguem no ramo joalheiro. A família manteve a empresa, e os primos dividiram-se com lojas em Guaporé.

Os Sebben conectaram-se via matrimônio às famílias Roos (industrialistas), Astolfi (comerciantes) e Termignoni (industrialistas) – a esposa de Gilson Sebben, herdeiro do fundador, era irmã de Lorena Lunardi, casada com Élio Termignoni –, ou seja, essa família é mais um núcleo que se ligou à elite comercial e industrial da região⁴³. E, assim como os

43 Para maior aprofundamento dessas relações, consultar Busato (2019).

Pasquali, os Sebben expandiram as relações comerciais diretamente com o estado de São Paulo.

2.3 Família Spiller

Os Spiller, são naturais de Roana, que faz parte de Sette Comuni, região de Altipiano d’Asiago⁴⁴ localizada em uma espécie de enclave na região do Vêneto. A trajetória da família Spiller no Rio Grande do Sul é interessante em diversos aspectos, desde a profissão do patriarca, que era agrimensor de terras em colônias importantes, como Alfredo Chaves e Guaporé, e adquiriu grande lote de terras na parte central de Guaporé, até o matrimônio nessa última localidade. Em entrevista Antonio Carlos Spiller, que foi prefeito de Guaporé por três mandatos, relatou que:

O meu avô era italiano [...], veio para o Brasil, começou com ele. Já o meu bisavô era austríaco, ele morava na divisa com a Itália, e por ali a descendência dos Spiller ficou mais na Itália [...], então, eu nunca tive relação com o alemão [...]. Em Sette Comuni eu vi lá que tem uma vila de Spiller, os sobrenomes ficaram localizados. Eu lembro que, em uma viagem para a Itália, eu fui para um hotel [...] e, quando eu fui fazer a ficha no hotel, eu perguntei para o dono: “Conoscito i Spiller?”. E lui mi ha risposto: “Si, si, caro mio, sono tutti quã su a Sette Comuni”⁴⁵ [...].

Antonio Carlos Spiller – conhecido carinhosamente em Guaporé como Antoninho, uma maneira de a comunidade diferenciá-lo do pai, que também se chamava Antonio – destacou o fato de que a família não tinha ideia da questão da frequência das migrações internas pela Europa, por isso não imaginava que o bisavô estivesse registrado como austríaco. Conforme ele: “Para nós, eram todos italianos”. Mostrou-se igualmente impressionado com o local de origem da família, no “meio do morro”, e com a quantidade de pessoas que se localizavam no ponto de partida

44 Apesar da região ser chamada de Sette Comuni, atualmente é composto por oito comuni (Asiago, Enego, Foza, Gallio, Lusiana, Roana, Rotzo e, recentemente, Conco). Esse conjunto representa a cultura dos cimbrós. São definidos como um povo que faz uso de uma língua antiga germânica, com alguma relação com o idioma da Baviera. As origens dessa língua e das pessoas que a falavam nas montanhas de Vicenza e Verona e na região de Trentino-Alto Ádige ainda estão em discussão. O nome “cimbría” continua denominando a língua e a população do local conhecido como Sette Comuni desde 1300.

45 “Você conhece os Spiller?”. E ele me respondeu: “Sim, sim, meu caro, estão todos aqui em Sette Comuni”.

com o sobrenome Spiller. Antoninho acredita que os antepassados tinham agregado à agricultura o ofício de artesãos, o que justificaria o avô Romano Spiller, que provinha de um local pobre, em pouco tempo, no Rio Grande do Sul, além de desempenhar o ofício de agrimensor de terras, ter adquirido uma grande extensão de lotes em área central da sede.

O avô veio para o Brasil com os irmãos, os irmãos vieram quase todos, mas antes disso ainda, chegou aqui o Antonio, que também era desses Spiller. Ele foi o precursor, o que veio por primeiro, vieram em uma leva, não foi isolado. Eles chegaram por Veranópolis, porque existia a convergência fluvial, e depois é que se dividiram, vieram para cá [Brasil] outros Spiller, que saíram para outros lados, era uma família muito grande. Aqui para Guaporé veio um dos Spiller só.

Esse grupo específico se interliga com os demais nos seguintes aspectos: eram provenientes de locais montanhosos, adeptos a migrações sazonais, foram artesãos na colônia Guaporé, apresentaram ascensão socioeconômica desde o início da colonização, provinham de emigração organizada e estavam interligados a figuras políticas. No caso de Romano Spiller, a conexão inicial se estabeleceu com Manoel Francisco Guerreiro⁴⁶, que era intendente de Guaporé, além do vínculo com o engenheiro Júlio Campos, cuja neta (Jane Campos) é esposa de Antoninho Spiller.

O avô, ele começou a trabalhar aqui [Guaporé], porque ele foi chamado pelo Manoel Francisco Guerreiro, desta região de Veranópolis. Ele veio para cá porque ele era agrimensor, ele trabalhava somente em medição de terras, até as colônias, eu tinha os mapas que mostrava que a divisão, as colônias eram assinadas por ele. Não sei mais que fim levou esses mapas, mas, enfim, ele [Romano] teve muita participação nisso. Ele não era o principal, o que mais fazia isso era o Maia, mas era ele [Romano] que ia fazer as mediações, era o técnico [aquele que se deslocava para o trabalho de campo propriamente dito]. Então, as mediações das colônias, essas coisas, aqui em Guaporé, inclusive na sede, era ele que fazia.

Observa-se no relato que Romano Spiller, apesar de se diferenciar

46 A colônia Guaporé foi constituída com territórios pertencentes aos municípios de Lajeado e Passo Fundo no ano de 1892, tendo como diretor o engenheiro Montauray de Aguiar Leitão, que contava com o auxílio para demarcação e loteamento dos terrenos do também engenheiro Vespasiano Corrêa, empossado em 1.º de janeiro de 1904 como intendente do município, sendo seus sucessores: Lucano Conedera, coronel Agilberto Atilio Maia, Manoel Francisco Guerreiro, Paulo Dutra, José Ponzi e Basílio Santos Loureiro.

por ser agrimensor de terras, não se enquadrava no mesmo nível socioeconômico de Manoel Francisco Guerreiro e Júlio Campos, por exemplo. Ainda assim tinha uma condição econômica de destaque na colônia. Jane Campos Spiller salientou que “o avô do Antoninho era o agrimensor, e o meu avô era o engenheiro”. Portanto, havia esse vínculo entre os principais profissionais ligados à organização estrutural de Guaporé. Ressalta-se ainda o fato de Romano Spiller ter sido chamado da colônia Alfredo Chaves (Veranópolis) por Manoel Francisco Guerreiro, intendente de Guaporé na época: esse evento é uma prova de que Romano já desempenhava a atividade de medição no início do povoamento de tal colônia. Conforme Spiller, sobre a propriedade da família:

Na esquina em frente ao hospital, era lá que morava o avô, que era casado com uma bugra⁴⁷, ela era uma brasileira pura. Era a chácara dos Spiller, ele tinha uma quadra [...], eu lembro, era guri, mas lembro que era grande, para mim não tinha fim aquilo. E como bom italiano ele tinha uma parte separada da casa que era a cantina de vinho, fazia vinho e tal, plantava todo tipo de uva.

Embora não estivesse no mesmo nível socioeconômico dos intendentes e engenheiros da colônia, Romano Spiller apresentava, quando comparado a maioria dos demais imigrantes em Guaporé, não ligados às esferas políticas analisadas, boas condições financeiras. Em Guaporé a famosa chácara dos Spiller ocupava, conforme o neto do imigrante, uma quadra, lote que se encontra ao lado do hospital municipal batizado de Manoel Francisco Guerreiro. Na propriedade, além do plantio da uva, produzia-se vinho, fato que era comum entre os italianos no Brasil. Essas terras da família Spiller continuam localizadas na parte central do município, e, inclusive, os descendentes ocuparam e ocupam outros espaços, também centrais em Guaporé. Sobre o matrimônio dos avós, Antoninho descreveu que

E como eu era criança, eu mantenho essas lembranças, que minha avó era bugre, e ele era um gringão daqueles bem... Era um cara grande, com rosto vermelho, e ele dizia, chamava ela: “Bresiliana!”. Eu nunca esqueci disso... Bresiliana, como se fosse chamar uma... coisa... “portemi il vin”, me traz o vinho. E ela vinha e servia ele, ela era dócil!

47 Nome usado pelos europeus e descendentes para se referir aos indígenas brasileiros.

O matrimônio entre um imigrante reconhecido na colônia e alguém de origem indígena é uma novidade neste estudo de caso. Até a atualidade, em Guaporé, os descendentes de europeus dirigem-se à população autóctone, muitas vezes miscigenada com europeus e africanos, referindo-se aos *bresilianos*. O termo, em sentido literal, é uma referência aos indígenas, mas no cotidiano do interior a palavra tomou uma abrangência maior. Isso se confirma quando analisada a família Prestes, sobrenome da avó de Antoninho, que residia em Guaporé: eram descendentes de portugueses entrecruzados com outras etnias não europeias. A sensibilidade e a abertura do colaborador ao relatar sobre essas esferas foram fundamentais para amplificar a visão deste estudo em direção aos relacionamentos interétnicos.

Antoninho Spiller fez questão, em diversos momentos da entrevista, de explanar sobre o contexto das mulheres, inclusive a postura dos patriarcas das famílias em relação às filhas que migravam para trabalhar em sua empresa. O colaborador apontou para temas que ainda são considerados tabu entre as famílias, e ficou evidente a admiração que ele mantém pela falecida avó. Além disso, deixou transparecer que, apesar de o avô italiano ter assumido a relação com Andrelina Prestes nos âmbitos civil e religioso, ao tratá-la por *bresiliana*, deixava clara a diferenciação que fazia entre a origem italiana e a etnia da esposa. Antoninho destacou que o machismo era algo que constatava não só no convívio com os avós. Sobre os dez filhos do casal Romano Spiller e Andrelina Prestes, ele salientou que,

Dos filhos, o restante saiu. Saíram porque eram muitos filhos, e tinha uma certa dificuldade de sustentar. O meu pai [Antonio Silvestre Spiller], ele foi visitar um irmão quando ficou sabendo que estava em Erechim, mas depois de anos, coisa de 20 anos, eles não mantinham a comunicação. O Romano Spiller tinha três irmãos: Atílio, Augusto e Madalena. Eles vieram todos [da Itália], não tenho conhecimento se os pais deles vieram também.

Embora o ofício de agrimensor, associado ao plantio e à própria produção de vinho para subsistência, desse boas condições financeiras ao casal, o grande número de filhos exigiu que os descendentes migrassem em busca de novas terras. Em função desses movimentos, o contato e a comunicação entre os irmãos ficaram prejudicados. Sobre o núcleo que partiu da Itália, observa-se que emigrou ao menos parte da família para

Alfredo Chaves, de onde Romano migrou a pedido de Manoel Francisco Guerreiro para Guaporé. Dos filhos de Romano e Andreлина, Antonio Silvestre Spiller permaneceu em Guaporé trabalhando como artesão e vinculado de forma direta à família Sebben e, especialmente, à Pasquali.

2.3.1 Antonio Silvestre Spiller e Spolli Joias

Antonio Silvestre Spiller nasceu na colônia Guaporé e casou-se com Santina Andreolli. Conforme o filho do casal:

O meu pai passou a vida toda trabalhando com ourivesaria, porque ele tinha um irmão mais velho do que ele, o Luís, que tinha uma oficina de joias no centro [de Guaporé], e o meu pai também começou com o negócio de joia. Ele começou lá [com o irmão]. Também em uma época trabalhou com o Sebben, em torno de dez anos, e depois trabalhou muito mais tempo com o Lourenço Pasquali. Começou a trabalhar com o Lourenço quando os filhos Ilson, Lórys e Ildo ainda eram crianças.

Reconstruindo as conexões, o pai de Antonio Silvestre Spiller, Romano Spiller, migrou de Alfredo Chaves, a pedido de Manoel Francisco Guerreiro, para trabalhar com a medição das terras na extensa colônia Guaporé, estabelecendo, assim, vínculos não só políticos com as elites já instituídas no local. A família Sebben também migrou de Alfredo Chaves para Guaporé, caracterizando mais uma conexão de espaços territoriais.

Anterior às relações constituídas no Brasil, as famílias Spiller, Sebben e Pasquali apresentavam determinada identificação étnico-regional com os grupos germânicos: proximidade com as fronteiras austríacas na Itália, origem cimbra e, no caso dos Pasquali, alfabetização nos dois idiomas, italiano e alemão. Esses são alguns exemplos que os aproximavam da cultura teuta, além de dividir espaço regional com o Friuli. Ou seja, tirolezes, belluneses, cimbrós e friulanos, neste estudo de caso, mesmo tendo outras aptidões artesanais acopladas, eram artesãos dos metais: tirolezes, belluneses e cimbrós como ourives; e friulanos como ferreiros.

Como era uma produção artesanal, o meu pai [Antonio Silvestre Spiller], ele fazia joias depois de trabalhar com o Sebben e o Pasquali. Ele fez da nossa casa, que era uma casa grande, a nossa sala principal, ele fez a oficina. Então, o que meu pai fazia? Ele trabalhava, fazia joias durante uma semana [...] e depois tirava dois dias para fazer as vendas na zona de Erechim. Ele mesmo vendia, ele pegava o que produzia naquela semana

e ia vender e aí que se deu bem! Isso dava além da mão de obra, isso dava além do lucro da venda!

Antonio Silvestre Spiller, conforme os depoimentos, aprendeu o ofício de artesanato das joias com o irmão Luís. Antoninho acredita ter sido uma vocação artesanal trazida pela família, pois de Roana eles migravam em busca de trabalho para Vicenza, onde existem locais próprios, como já discutido, que desenvolvem a técnica de ourives até a atualidade. Como se trata de grupos adeptos a migrações sazonais, embora mantivessem o ofício campesino por tradição, eles possuíam determinada bagagem profissional que era transmitida entre as gerações; muitas vezes, nem tinha o objetivo de ser a profissão principal, mas acabava conectando os saberes do velho e do novo mundo.

A oficina de Luís Spiller localizava-se no centro da cidade, assim como a residência de Antonio Silvestre Spiller. Quando se pensa em termos de fixação em Guaporé, onde a elite comercial e política era proprietária de quase 100% da parte central da sede – conforme arrolado na pesquisa de mestrado (BUSATO, 2019) –, torna-se compreensível que também os Spiller, apesar de não provir das mesmas condições financeiras de berço como, por exemplo, os Pasquali, apresentavam uma estrutura que os conectava desde o início à elite local. Posteriormente, com a industrialização, eles passaram a ser parte da elite, não mais como funcionários de políticos e de industrialistas, mas ocupando cargos políticos e sendo proprietários de indústrias.

Caso semelhante, que trata de artesãos envolvidos com a industrialização e com a política, é abordado por Luigi Biondi (2014). Os irmãos artesãos Lamberto e Dante Ramenzoni, naturais da Emília-Romanha, eram chapeleiros e militantes políticos na Itália e transferiram-se para o Brasil, onde passaram a ter influência em São Paulo ao longo do século XX, fundando a empresa Ramenzoni. Ao mesmo tempo, mantiveram-se sempre ligados à pátria de origem, preservando suas redes e seus relacionamentos na Europa. Os irmãos Ramenzoni faziam parte de um grupo de militantes marxistas de origem italiana que participava de diversas organizações socialistas e sindicais. Observa-se, assim, uma contradição, pois, além de serem empresários na cidade paulista, eram ativos nas questões sindicalistas no Brasil e acompanhavam o movimento na Itália. Ainda faziam parte da rede sindical e mutualista mundial de chapeleiros.

Nos documentos dos irmãos empresários Ramenzoni, consta que eram lavradores. Biondi (2014) acredita que esse caso se tratou de uma imigração urbana direta, mascarada pelo título de lavradores, com a finalidade de obter a passagem subvencionada. O autor descreve que, com o passar dos anos, conhecidos dos Ramenzoni, também socialistas, transferiram-se para São Paulo, mantendo os vínculos com os irmãos chapeleiros. A empresa Ramenzoni, apesar da industrialização, permaneceu nos moldes de uma empresa familiar. Os irmãos participavam ativamente da união dos chapeleiros, que reunia desde assistências hospitalar, médica e de aposentadoria até a luta por direitos sindicalistas dos operários. Com o decorrer do tempo, passaram de artesãos a industrialistas, afastando-se do envolvimento sindical direto, mas se mantiveram envolvidos de forma indireta nesse meio (BIONDI, 2014). Assim como o empreendimento dos irmãos Ramenzoni, as empresas artesanais analisadas neste capítulo evoluíram para o ramo industrial. E no campo político, embora não vinculado aos movimentos socialistas, Antonio Carlos Spiller foi uma figura ativa em Guaporé, associado ao Partido Progressista (PP).

Referente à sociedade de Antonio Silvestre Spiller no ramo industrial, o filho Antoninho explica:

Ele fazia isso sozinho inicialmente, não tinha nenhum intermediário, até o dia em que meu tio [irmão da mãe de Antoninho] trabalhava no curtume [Termignoni], trabalhava em uma atividade muito insalubre, era negócio com couro, água e sal, e ele trabalhava justamente nesta área mais insalubre, e ele sempre se queixava com meu pai, e então meu pai o convidou para trabalhar com ele [...] daí fizeram uma sociedade entre eles, Spiller e Andreolli, por isso ficou Spolli.

Como em Guaporé não existiam muitas indústrias, as pessoas que exerciam os ofícios não agrícolas tinham algum tipo de ligação entre si. Ricardo Andreolli, que era funcionário do Curtume Termignoni (empreendimento da família natural do Piemonte), uniu-se ao cunhado Antonio Silvestre Spiller em sociedade. A empresa foi fundada em 1948 por Antonio e, com a posterior sociedade, tornou-se indústria.

Figura 16 – Estabelecimento comercial da família Spiller (Guaporé, 1975)



Fonte: Centenário da imigração italiana, 1875-1975 (1975, p. 228).

A Spolli (Figura 16), fruto da sociedade das famílias Spiller e Andreolli, iniciou as atividades se enquadrando no ramo industrial propriamente dito em 1.º de março de 1971, quando a administração estava no comando de Antonio Silvestre e Antonio Carlos Spiller. A fonte consultada relatou que, após a morte do tio, quando os primos se juntaram para administrar a empresa, as decisões em conjunto não funcionaram. Assim como evidenciado no caso da família Pasquali, dividiram-se as vocações laborativas entre os artesãos e os que tinham maior tino para as vendas. Com a morte de Ricardo Andreolli, a família Spiller passou à administração total da indústria.

2.3.2 Da agricultura aos ofícios urbanos

Antonio Carlos Spiller, herdeiro da indústria Joias Spolli, foi prefeito de Guaporé nos períodos de: 1979 até 1984, 2005 até 2008 e 2009 até 2012⁴⁸. Portanto, ainda durante a primeira década de industrialização da empresa familiar, ele foi eleito prefeito do município. Sobre o primeiro mandato, ele comentou que,

48 Conforme informações repassadas por Veridiana Tonini, da Secretária da Educação de Guaporé.

Na época da campanha política, a gente percorria o interior, porque a maioria dos votos estavam no interior, e não na cidade. Houve um tempo que o interior de Guaporé era muito maior que a sede [...], era forte a colônia, era bastante gente no interior, e a maioria, bem de vida. Lembro em uma ocasião que nós fomos festeiros da igreja [...], eu e o Jaci Migliavacca⁴⁹ éramos os festeiros e fomos no interior todo pedir doações. Mas olha, não tinha mais lugar na canônica⁵⁰ para guardar as coisas, era milho, era trigo, era salame, era queijo, era uma coisa... A colônia era muito rica, muito rica e muito fervorosa, muito religiosa. Então, a gente pegava tudo isso aí, porque dinheiro eles não tinham, mas tinham, assim, essas coisas.

Nas décadas de 1970, 1980, aqueles que estavam instalados na sede de Guaporé, ou seja, no centro da cidade, eram a elite local, pois a maioria dos colonos permanecia morando no interior. O fato de a contribuição aos festeiros ter sido feita com a produção agrícola evidencia o sistema de trocas, ainda em uso, uma vez que, nas palavras de Antoninho, “dinheiro eles não tinham”. Nesse sentido, a família de ferreiros Marina também destacou a situação: “dinheiro era coisa rara de se ter”. Naquele tempo, portanto, ainda se vivia nas colônias, segundo os relatos da família Marina e de Antoninho Spiller, sob o sistema de escambos. Havia os alimentos, em função da produção familiar (para aquelas famílias que tinham adquirido terras propícias a variados tipos de plantios), e existia carência de dinheiro em espécie, sendo o escambo o sistema principal.

No âmbito das festas religiosas, a família Pasquali ressaltou que, apesar de a matriarca Luiza Hack ser protestante, era costumeiramente festeira da Igreja Santo Antônio de Guaporé por duas razões principais: estar inserida em uma localidade majoritariamente católica e unir os negócios voltados à culinária aos festejos religiosos, ainda que católicos. Sobre esse vínculo, Martha Pasquali relatou que a matriarca foi velada na igreja matriz, e participaram da celebração o padre e um pastor vindo da região de colonização alemã. No campo religioso, o discurso dos descendentes que permaneceram na esfera artesanal se encontra com o daqueles que se tornaram industrialistas e políticos, uma vez que a igreja, os sacerdotes e tudo aquilo ligado a esse universo contavam com a contribuição da população, em determinadas situações, de forma espontânea

49 A parte da família Migliavacca instalada no atual município de Casca, que pertenciam a Guaporé, é proprietária da Mig-Plus Agroindustrial, e em Guaporé os Migliavacca também eram comerciantes e industrialistas.

50 Refere-se à casa paroquial.

e, em outras, nem tanto. Contudo, era algo que, generalizando, acabava por funcionar.

Referente ao êxodo da colônia para a cidade, Antonio Carlos, com base na experiência como prefeito por três mandatos, contou que, embora o interior fosse a parte rica de Guaporé, com o passar do tempo, a população foi motivada a sair para a cidade.

[...] algumas das razões: educacional. Os filhos eram alfabetizados lá [colônia], mas depois tinham que vir estudar aqui [cidade]. Os que moravam próximo dava até para vir e voltar como hoje, mas o município era grande, a divisa era até Santa Bárbara [próximo ao município de Muçum]. Então, o problema era mandar os filhos para a escola ou mandar a escola para o aluno, mas para isso tinha que ter o professor e um número de alunos que garantisse pelo menos alguns anos, porque o êxodo era muito grande [...], era a época em que as luzes da cidade atraíam, era a época em que houve um êxodo muito grande e em um período só.

Antonio Carlos refere-se à década de 1970, período em que Guaporé apresentou migração significativa do interior para a cidade, quando ficou mais frequente a saída das mulheres para os centros urbanos. Nesse sentido, as irmãs religiosas que administravam o Hospital Manoel Francisco Guerreiro – conforme explicaram Anita Di Domenico e Nilse Arienti – direcionavam-se para as colônias, a fim de encontrar mão de obra, recrutando as filhas dos colonos⁵¹ para trabalhar nos hospitais.

O trabalho – considerando principalmente o das mulheres neste estudo – em centros hospitalares e fábricas também é analisado por Grossutti (2017), que aborda as diversas vocações regionais italianas e as diferentes formas migratórias que caracterizaram o Friuli – cujo contexto territorial engloba similaridades com os demais discutidos ao longo do texto- antes e depois da Primeira Guerra Mundial. O autor observa que, anterior à guerra, as mulheres friulanas, quando emigravam, em geral, acompanhavam os maridos e familiares, acabando por se estabelecer em ofícios comuns ao mundo europeu, como campesinas e donas de casa, principalmente as emigradas das zonas agrícolas do Friuli para o Brasil e a Argentina. De 1876 a 1914, a província de Udine registrou o maior

51 A categoria colono, no significado mais geral, é usada como sinônimo de agricultor de origem europeia, e a gênese remonta ao processo histórico de colonização. Essa categoria foi construída historicamente como uma identidade coletiva com múltiplas dimensões sociais e étnicas (SEYFERTH, 1993, p. 38, 60).

número de emigrantes temporários em toda a Itália. Entretanto, a contribuição das mulheres para os fluxos migratórios friulanos como um todo, até o início do primeiro conflito mundial, era baixa. Emigravam em número limitado porque representavam a força de trabalho mais importante da indústria têxtil no Friuli e, devido às práticas da emigração temporária masculina, ficavam responsáveis pelo núcleo familiar. “A ausência temporária ou plurianual de homens forçou as mulheres a cuidar do resto da família, da casa, dos campos, em síntese, do governo da família e da economia doméstica” (GROSSUTTI, 2017, p. 96, tradução nossa).

Um caso emblemático foi o das mulheres emigrantes de Pantianicco e de outras cidades do Friuli [...], que, apesar de terem trabalhado na Itália como camponesas, em Buenos Aires se tornaram enfermeiras. Acima de tudo, foram elas que negaram o trabalho camponês no Friuli, que tomaram consciência da distância abismal que separava as condições de vida nas aldeias friulanas e na capital argentina. Elas começaram, no exterior, o processo de emancipação que suas compatriotas alcançariam apenas algumas décadas depois. Por esse motivo, a migração deixou de ser exclusivamente temporária ou plurianual e foi transformada definitivamente, modificando por completo a estratégia de migração plurianual que caracterizou a experiência hospitalar argentina de trabalhadores masculinos friulanos até a Primeira Guerra Mundial (GROSSUTTI, 2017, p. 96-97, tradução nossa).

Em Buenos Aires, o trabalho nos hospitais que inicialmente era ocupado por imigrantes homens, depois de mudanças administrativas, passou a empregar mulheres imigrantes, como as friulanas, que se aperfeiçoaram profissionalmente e não retornaram para a vida campesina na Itália. Assim como as enfermeiras friulanas na Argentina, as filhas de colonos em Guaporé viram na saída do campo para a cidade, para atuar nos hospitais, a oportunidade de deixar o trabalho do mundo rural. Inicialmente empregadas no setor de higienização, empenharam-se nos estudos da enfermagem, passando a atuar como técnicas e auxiliares do setor. “A experiência dos enfermeiros e enfermeiras de Pantianicco demonstra como o exame oportuno de eventos individuais e em grupo, inclusive no nível aldeano, pode representar uma chave de leitura para entender e interpretar processos histórico-sociais que vão além da pequena escala” (GROSSUTTI, 2017, p. 97, tradução nossa). As depoentes consultadas explicaram que, em função de as famílias serem muito grandes,

de o dinheiro em espécie não ser frequente, e de os filhos homens terem a oportunidade de servir no quartel (Exército) pelo menos por um período, o que não se aplicava às mulheres, as “irmãs do hospital” viram a oportunidade de fazer uso dessa mão de obra.

Aos pais, essa ocupação transmitia certa tranquilidade, devido ao vínculo e à responsabilidade religiosa, e representava um salário que poderia auxiliá-los; às irmãs religiosas, as filhas dos colonos preenchiam uma função que não seria ocupada pelas filhas das elites fixadas na sede. Além do hospital, as fábricas de joias, especialmente naqueles anos, eram fonte de renda.

A socialização da mulher rural foi muito dura; ela foi educada para aceitar o que os homens decidem ou, se não para aceitar, para não decidir. Isso sempre foi uma tarefa de seu pai ou de seu marido. Não é “tranquilo”, como os dirigentes [sindicais] afirmam, buscar a igualdade na família, pois ali existem muitas diferenças (BONI, 2004, p. 298).

Outro posto ocupado por essas mulheres que saíam da colônia era o de empregadas domésticas nas residências das famílias mais abastadas. Conforme referiu-se Jane Campos Spiller:

Naquela época vinham muito as mulheres, moravam nas casas de famílias, vinham para estudo e trabalhar para as famílias. Quase todas as famílias [referindo-se à elite da sede] tinham uma estudante que era do interior. Nós tínhamos.

Referente à própria experiência de convívio com as famílias das colônias de Guaporé, Antoninho corrobora, explicando sobre o direcionamento dado pelos patriarcas em relação às filhas que migravam para a sede.

Veja como era a coisa, os pais chegavam, eles abordavam a colocação da filha, eles diziam: “Olha, a minha filha vai estudar aí, mas ela vai estudar de manhã, agora, de tarde e de noite, ela fica lá para trabalhar, então ela pode trabalhar à vontade! Dá o trabalho para ela! E quanto tu quer pela comida dela?”. Veja bem, ainda se propunham a pagar para deixar na cidade. Então, a menina do interior todo mundo tinha e queria [...]. Então, elas vinham e trabalhavam! Se precisasse, não tinha nem sábado, e nem domingo, não tinha nada! Olhe, na fábrica nós tínhamos bastante gente, mas nós dávamos sempre a preferência.

Nos relatos de Jane e Antonio, evidenciou-se a sensibilidade do

casal ao tratar das filhas de colonos que se dirigiam para estudar e trabalhar nos centros urbanos. Como pessoas envolvidas na política, acabavam conhecendo de forma mais íntima as famílias, uma vez que a campanha para a eleição previa as visitas às famílias que residiam no interior. Além disso, no depoimento de Spiller, observa-se que existiu e ainda está presente em muitas famílias, principalmente agricultoras, a questão da herança ligada ao minorato, voltada para o universo masculino. Neste estudo de caso, também se verificaram as heranças ligadas aos filhos primogênitos.

O regime de herança intitulado de minorato é um sistema no qual quem herda preferencialmente a terra é o filho mais novo, e foi fator decisivo para as primeiras expansões das colônias. Nesse sistema, o filho mais jovem herda, além das terras, a responsabilidade de cuidar dos pais, enquanto os demais filhos homens são ajudados para adquirir novas terras. As mulheres preferencialmente não herdavam e, quando se casavam, recebiam o enxoval, no qual eram inclusos a máquina de costura e um animal, que costumeiramente era uma vaca. Atualmente as práticas estão sendo alteradas, mas quando a ligação é com a terra, apesar de legalmente ser atribuída às mulheres, permanece em propriedade dos homens da família. Quanto ao patriarcalismo, o pai-patrão italiano (colono) era o chefe responsável pelo sustento da família, envolvendo os custos da colonização. A herança, envolvendo a partilha das terras, geralmente as mulheres “doavam” aos irmãos, mas isso não significava um retorno de investimento em estudos (ZANINI; SANTOS, 2013).

O interior não oferecia futuro além do trabalho agrícola às grandes famílias que residiam nas colônias. Dessa forma, o serviço nos hospitais, nas casas de família (como babás e empregadas domésticas) e nas fábricas, que estavam se disseminando em Guaporé, representava um recurso financeiro extra ao lar. Os colaboradores destacaram também a concepção machista de que a mulher “havia sido feita” para trabalhar e na cidade ela poderia ser “mais útil”. Essa visão, como esclareceu Antoninho, partia do patriarca, que frisava: “Dá o trabalho para ela” de tarde e de noite. “As mulheres trabalhavam em igualdade com os homens no trato das lavouras, mas não tinham o mesmo direito aos benefícios da produção. E formalmente, nem às tomadas de decisão quanto ao uso de capitais acumulados” (ZANINI; SANTOS, 2013, p. 93). Antonio Carlos

Spiller, que é uma pessoa respeitada na comunidade, salientou em diversos momentos da conversa que existia uma diferenciação entre as filhas mulheres e os filhos homens.

Nos finais de semana, se não haviam sido combinados horas extras nas fábricas ou trabalhos associados às casas dos patrões – as funcionárias, nessas redes que envolviam confiabilidade, prestavam serviços tanto na fábrica como na residência dos donos da empresa –, as moças, em várias ocasiões, precisavam retornar para o interior, a fim de ajudar no universo de trabalhos no campo, pois elas “sabiam fazer um pouco de tudo”.

Nilse Arienti, uma das entrevistadas, corrobora explicando que, para o contexto das mulheres que trabalhavam em múltiplas esferas nas colônias além do lar, ao contrário dos homens, não ganhavam dinheiro por isso, mesmo em muitas situações tendo uma jornada de trabalho maior. A migração para a cidade representou, pois, determinada liberdade financeira que, para elas, jamais seria conquistada em uma família patriarcal, em que os homens dirigiam os lucros e faziam os negócios.

Naquele mundo de autoridade masculina, o pai era o patrão e o organizador do trabalho na unidade familiar camponesa, posição que o colocava diante da necessidade de desesperadamente alocar mão de obra familiar, independentemente dos princípios que regulavam as relações de gênero. Assim, as mulheres trabalhavam na lavoura em pé de igualdade, mas as tomadas de decisão e o fruto da produção não eram equitativamente distribuídos (ZANINI; SANTOS, 2013, p. 102).

No sentido econômico da reflexão, transpondo para o contexto de Guaporé, as mulheres, não tendo os mesmos direitos dos homens dentro dos núcleos familiares, com a oportunidade de trabalhar nas fábricas (sobretudo as de joias, que estavam em processo de industrialização e apresentavam-se em maior número) e no hospital, migraram da zona rural para a urbana em busca de melhores condições socioeconômicas.

A indústria Spolli, que iniciou as atividades como empresa em 1948 e como indústria em 1971, mas que vinha de artesanato em ourivesaria de berço, encerrou as atividades na segunda década dos anos 2000. A fabricante familiar resistiu ao mercado com as alterações da sociedade por quase 70 anos, sendo a terceira empresa fundada em Guaporé nesse ramo. Das famílias pioneiras, restam os Sebben e os Pasquali, com mais

de uma empresa/indústria divididas entre os herdeiros.

Foram essas três famílias que deram início ao trabalho de ourivesaria em Guaporé. Com o tempo, os negócios pertenceram também a sócios externos ao grupo familiar, antes de voltar a pertencer apenas aos descendentes dos pioneiros nesse ofício. Em função do processo inicial e artesanal daqueles sujeitos, atualmente o município abriga um total de 179 empresas desse ramo regulamentadas, conforme dados de outubro de 2020 da prefeitura municipal.

Com relação ao processo de industrialização da metade do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, Delhaes-Guenther (1973 *apud* GERTZ, 2014) destaca a questão dos comerciantes, enumerando quatro principais fatores que seriam a base das indústrias sul-rio-grandenses: a) artesãos coloniais que evoluíram da oficina para a fábrica; b) imigrantes que trouxeram conhecimentos artesanais ou industriais da Europa; c) comerciantes que adquiriram conhecimento por meio do comércio exterior e aplicaram-no em empresas próprias; e d) pessoas sem conhecimentos especializados que conseguiram progredir (GERTZ, 2014). Aqueles que passaram de artesãos a industrialistas em Guaporé apresentam três dos fatores elencados por Delhaes-Guenther: evoluíram das oficinas joalheiras para a fábrica, trouxeram esse conhecimento das regiões montanhosas e limítrofes da Itália – no caso dos Spiller e Sebben, aprenderam o ofício no próprio seio familiar; no caso dos Pasquali, o patriarca especializou-se nas escolas de ourives, provavelmente de Vicenza –, e alguns tinham parte da família ligada ao comércio.

Segundo a visão de Lagemann (1980), que vai na contramão do pensamento de Tejo (1939 *apud* GERTZ, 2014) e Roche (1969), a relação entre a industrialização *imigrantista* do Rio Grande do Sul não pode ser compreendida de forma puramente automática. Não se pode esquecer que anterior à emigração principalmente de alemães e italianos para o estado gaúcho existiram as charqueadas. Assim, os colonos não foram os pioneiros da implantação da indústria no Rio Grande do Sul. Aos imigrantes deve-se reconhecer as especializações de mão de obra, as ramificações que seu trabalho trouxe e a expansão industrial, mas não a constituição industrialista no estado, pois não participaram da principal economia sul-rio-grandense, que foi a charqueada. Quando esses europeus chegaram ao sul do país, já existia uma sociedade estabelecida,

o que precisaram fazer foi se engajar nessa sociedade (LAGEMANN, 1980).

A abordagem dos núcleos contribuiu para explicar sobre como, nesta análise, sujeitos provindos de partes específicas da Itália – friulanos, tirolezes, belluneses e cimbros –, com costumes laborais semelhantes, por exemplo, as migrações sazonais principalmente para a Europa Central e posteriormente a emigração definitiva para a América Latina, tendo o ofício de artesãos como a renda central (associada direta ou indiretamente à economia agrícola) desde a Itália, seguiram exercendo no Brasil os ofícios trazidos pelos antepassados.

Trabalhando especificamente com estudos de caso, a intenção desta pesquisa não foi de maneira alguma dar a entender, se quer sugerir, que somente esses grupos eram artesãos. Sabe-se que muitos outros também exerciam ofícios ligados à imigração urbana, os próprios autores discutidos ao longo do texto demonstram isso, por exemplo: De Ruggiero (2010), através da análise dos toscanos e descendentes, em estudos aprofundados sobre os artistas do mármore; Grossutti (2018), através de um apanhado sobre os friulanos exercendo diversas profissões nas Américas. Assim, trabalhando na linha da micro-história italiana, observando fatos pontuais para um alargamento da compreensão, os grupos citados foram aqueles que de alguma forma se entrecruzaram e ofereceram a este estudo a oportunidade de adentrar em um universo complexo das migrações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As migrações de longo período, ainda na Europa, oportunizaram o aprendizado de inúmeros ofícios, característicos de grupos provindos de regiões *pedemontanas*. Nesse sentido, na colônia Guaporé, identificou-se que outros sujeitos, também originários desses contextos, aplicaram as próprias práticas artesanais no local. Embora as localidades de partida desses imigrantes – Bolzano, Fonzaso, outros pontos de Belluno e Roana – apresentassem diferenças étnico-culturais, eram territórios nos quais se praticavam migrações sazonais. No Brasil, esses núcleos buscaram se reagrupar conforme as identificações étnico-culturais-laborativas, formando redes em frentes distintas.

Os Pasquali, por exemplo, que emigraram de uma região sob influência italiana e principalmente germânica, estabeleceram relações com famílias tanto de origem italiana, como os Bertaso, quanto germânica, os Dexheimer, Ruschel e Hack. Esse núcleo misto coordenava, como visto, tanto o transporte fluvial de Montenegro a diferentes colônias como a ocupação de novos espaços territoriais, já que estava conectado a colonizadoras que se dedicaram a ocupações no oeste de Santa Catarina e Paraná.

Longe de generalizações, as determinantes encontradas evidenciam como alguns grupos com profissões artesanais qualificadas exerceram uma economia principal diversa da agrícola na parte meridional do Brasil. Especificamente em Guaporé, deram início a um importante palco voltado para os ramos joalheiro e têxtil (esse último apresentado apenas superficialmente nesta análise). Devido aos empreendimentos iniciados pelas famílias de imigrantes italianos citadas, o município, que é considerado de pequeno porte, com uma população próxima a 26 mil habitantes, é reconhecido como polo estadual nesses setores e ocupa o segundo lugar em âmbito nacional, ficando atrás apenas de Limeira (joias) e Nova Friburgo (têxtil). Isso não significa, entretanto, que a maior parte da população guaporense detenha altos recursos financeiros, porque

apenas uma pequena parcela concentra maior acúmulo de bem capital.

De forma tangencial, discutiu-se também o papel das mulheres inseridas desde trabalhos artesanais até a administração em indústria e como comerciantes. Defende-se que, para compreender a dinâmica das práticas de grupos específicos e cadeias migratórias, desde matrimônios até desempenho profissional, é fundamental entender o ponto de partida dos sujeitos. Por longos períodos, a imigração e os imigrantes europeus no estado foram motivo de generalizações. Eram deixadas de lado características consideradas de menor importância, como os costumes e as identidades ou artifícios para a reconstrução de identidades étnicas. Entretanto, por meio de estudos mais esmiuçados, entendeu-se que justamente os detalhes considerados irrelevantes permitem perceber os motivos das diferenças entre imigrantes italianos e descendentes. Essas diferenças se perpetuaram por gerações, sendo transmitidas junto com a herança dos ofícios, que se mantêm até a quarta geração no estado sulista.

Uma das principais intenções do trabalho foi mostrar que, nas particularidades pontuais, verificam-se possibilidades que ainda estão carentes de investigação, sejam nas esferas culturais, religiosas, profissionais ou econômicas. Principalmente, buscou-se analisar, além da identidade étnico-regional, os artifícios que levaram à prática na reprodução dessas dinâmicas, sendo elas vinculadas a redes familiares, manutenção da língua, ofícios ou continuação das migrações em grupo.

Quando analisadas minuciosamente as relações desses imigrantes e de seus descendentes, chega-se a conexões desde a esfera matrimonial até a empresarial. A família Pasquali esteve ligada diretamente à colonizadora Bertaso. A família Sebben, à família industrialista Roos, que também investia no comércio de terras. E os Spiller, à família de políticos Campos, envolvidos na intendência das colonizações. Esses imigrantes com profissões qualificadas, ao atingirem determinada estabilidade econômica, investiam na comercialização de terras, associando-se às colonizadoras e subcolonizadoras, praticando o comércio para os demais imigrantes e descendentes

Guaporé, que se destacou como colônia nos tempos da imigração italiana, atualmente apresenta um grande êxodo rural. Os descendentes de imigrantes venderam suas propriedades para os industrialistas que

dominam a economia local. Desde 1990, com o investimento massivo em empresas de pequeno e médio portes, a população agrícola migrou para a área urbana. Os dados oficiais da Prefeitura Municipal de Guaporé mostram que cerca de 90% da população reside e trabalha na parte urbana do município; entretanto, a população local defende que resta menos de 5% de habitantes nas colônias.

Os pontos de partida da Itália averiguados, com costumes, migrações sazonais e qualificadas e redes familiares, prosseguiram e, em alguns casos, ainda permanecem diretamente conectados ao Rio Grande do Sul, seja pela via profissional (com as devidas adaptações que os tempos exigiram), seja pelos prolongamentos dos núcleos familiares. Isto é, determinadas características das partes *apeninas* da Itália (locais costurados por múltiplas culturas e pontuados por particularidades aldeãs) ainda se mantêm ou mantiveram-se até recentemente ativadas pelos italo-brasileiros.

Sendo diversas as peculiaridades e os hábitos herdados dessas regiões italianas reproduzidos no Rio Grande do Sul, esses imigrantes e descendentes reconectaram-se e readaptaram-se com aqueles nos quais reconheciam a identificação propiciada pela mesma origem dos pontos de partida. Em alguns casos, devido à melhoria socioeconômica, uniram-se com filhos de importantes figuras da política e da colonização local. Mostrando, entretanto, que esses percursos não podem ser generalizados, destacou-se o matrimônio de Romano Spiller e Andreлина Prestes, a qual não tinha origens italianas. Portanto, por meio de estudos de casos, é possível notar uma série de fatores importantes direcionados a questões do universo migratório, seja na economia, na cultura, na religiosidade ou nos ofícios, que dificilmente são percebidos em estudos com abordagens mais amplas.

Em resumo, eram grupos *pedemontanos* que provinham de divisas italianas vizinhas, apresentavam conhecimentos para além do agrícola, eram majoritariamente alfabetizados, tinham determinadas condições financeiras para a construção das estruturas que facilitavam a vida nas colônias e prospectaram e efetivaram novas migrações por meio de redes. Alguns sujeitos conectaram-se a figuras políticas, outros tornaram-se industrialistas, mas cada núcleo de forma preponderante – com exceção da família Spiller – buscou a reconexão com outros imigrantes e descendentes, que apresentavam determinada identificação

étnico-cultural-laborativa.

O estudo iniciado neste trabalho sobre os fundadores das indústrias joalheira e têxtil em Guaporé também deixa uma grande lacuna a ser observada futuramente de forma mais minuciosa. Assim como são escassos os estudos sobre a colônia Guaporé, há pouca investigação acerca desse município que, embora tenha um pequeno contingente populacional, de 25.968 habitantes (censo 2020), é o segundo maior polo nacional em dois setores da economia, estando atrás de dois grandes municípios – Nova Friburgo (RJ), na indústria têxtil, com uma população de 191.158 habitantes (censo 2020); e Limeira (SP), na indústria joalheira, com 308.482 habitantes (censo 2020). No âmbito joalheiro, por exemplo, a conexão entre Guaporé e o estado de São Paulo mostrou-se frequente ainda na década de 1950.

Como se discutiu, a maioria dos proprietários de empreendimentos em Guaporé são empresários com descendência italiana, e isso está relacionado ao fato de o estudo desenvolvido ser pontual. A colonização europeia dessa localidade ter acontecido por meio dessa etnia não significa em absoluto que não existissem outros grupos, como aponta a própria origem indígena do nome do município. Neste trabalho em particular, contudo, a análise se deu em torno de grupos específicos de “italianos” e descendentes, mesmo que esses sujeitos se identificassem mais com os regionalismos do que com a pátria de partida. Embora não coubesse, pelo espaço delimitado, expandir os estudos para outras etnias, sem sombra de dúvidas não se ignora que estavam presentes em tal território, e que todas as etnias, em um país multifacetado como o Brasil, devem ser dignas de respeito e estudos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ALTMAYER, Everton. *Do que sou descendente? De tiroleses!* [Còssa son mi? Mi son tirolés!]: pequena introdução sobre nossas origens trentinas. São Paulo: Circolo Trentino di São Paulo, 2008. p. 1-15.

ALTMAYER, Everton. O trentino europeu. In: BONATTI, Mário; ALTMAYER, Everton. *O dialeto trentino no Brasil*. Blumenau: Nova Letra, 2016. p. 213-258.

AMBIEDO, Fernanda Trentini. *Fábrica de massas alimentícias José Pappalardo: um imigrante italiano em Porto Alegre (1932-1968)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

AXT, Gunter. De cavaleiro dos mostruários a capitão de indústrias: trajetória empresarial e política de A. J. Renner. In: DE RUGGIERO, Antonio; FAY, Claudia Musa (org.). *Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 171-190.

BENEDUZI, Luís Fernando. *Os fios da nostalgia: perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

BIONDI, Luigi. Os Ramenzoni: o mundo de uma família de militantes e empresários entre Itália e Brasil. In: DE RUGGIERO, Antonio; FAY, Claudia Musa (org.). *Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 53-74.

BONI, Valdete. Poder e igualdade: as relações de gênero entre sindicalistas rurais de Chapecó, Santa Catarina. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.12, n. 1, p. 289-302, jan./abr. 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUSATO, Marinilse Marina. *Casar bem: estratégias matrimoniais e econômicas na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (1906-1970)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2019.

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 5. ed.

Campinas: Editora da Unicamp, IE, 2007.

CENTENÁRIO da imigração italiana, 1875-1975. Porto Alegre: Edel, 1975.

CANTERI, Raffaello. Fra ottocento e nocevento: crisi del mondo dei cimbri ed emigrazione. In: SAURO, Ugo *et al.* (a cura di). *Cimbri Dei Monti Lessini*. Vago di Lavagno: Gianni Bussinelli Editore, 2017. p. 109-119.

CHARÃO, Egiselda Brum. *Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/RS (1945-1965): história de uma imigração esquecida*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925, vol. II. 2. ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.

COMARÚ, Itamar Ferretto. Elígio Parise: arte, comunicação e referência fotográfica. Breves notas sobre um fotógrafo e suas fotografias. *Revista Rosa dos Ventos*, Caxias do Sul, v. 4, n. IV, p. 638-649, out./dez. 2012.

CORRÊA, Marcelo Armellini. *Dos Alpes do Tirol à Serra Gaúcha: a questão da identidade dos imigrantes trentinos no Rio Grande do Sul (1875-1918)*. São Leopoldo: EST Edições, 2018.

DALPIAZ, Cristiano. *A cultura trentina/tirolesa no Rio Grande do Sul: um estudo sobre a questão da preservação e da construção da identidade através dos Circulos Trentinos*. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2020.

DE RUGGIERO, Antonio. A saudade dos sabores e o comércio étnico dos imigrantes italianos no Brasil (1875-1914). *Revista Práxis*, Novo Hamburgo, ano 15, v. 1, p. 121-138, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1534/2133>. Acesso em: 15 jun. 2021.

DE RUGGIERO, Antonio. *Emigranti toscani nel Brasile meridionale 1875-1914*. Tese (Doutorado di ricerca in Studi Storici per l'età Moderna e Contemporanea) – Scuola di Dottorato in Storia, Università degli Studi di Firenze, Firenze, 2010.

DE RUGGIERO, Antonio. Os empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiras (1875-1914). In: DE RUGGIERO, Antonio; FAY,

Claudia Musa (org.). *Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 75-90.

FORNASIN, Alessio. Determinants of territorial Exogamy in Friuli (north-east Italy) in the second half of the nineteenth century. *Journal of Biosocial Science*, Cambridge University Press, Cambridge, v. 43, n. 4, p. 453-467, 2011.

FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2009.

GERTZ, René. Imigração e empreendedorismo Industrial no Rio Grande do Sul. In: DE RUGGIERO, Antonio; FAY, Claudia Musa (org.). *Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 157-170.

GROSSUTTI, Javier. *L'emigrazione nel Friuli Occidentale: guida alla sezione museale "Lavoro ed emigrazione"* di Cavasso Nuovo. Friuli Venezia Giulia: Olmis, 2018.

GROSSUTTI, Javier. Mujeres de Friuli (Italia) en el Plata: transformaciones migratorias entre los siglos XIX y XX. *Revista de Demografía Histórica*, v. XXXV, n. II, p. 73-100, 2017. ISSN 1696-702X.

HIRSCH, Maria Adelaide Pasquali. *Ernesto Francisco Bertaso: de Verona a Chapecó*. Chapecó: Argos, 2017.

LAGEMANN, Eugênio. Imigração e industrialização. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius (org.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 114-134.

LEVI, Giovanni. Reflexões sobre família e parentela. In: VENDRAME, Maira Ines et al. (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015b. p. 12-31.

LUCHESE, Terciane Ângela. *História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras*. Caxias do Sul: UCS, 2014.

LUCHESE, Terciane Ângela. O processo escolar entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 28., 2005, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: Anped, 2005. p. 1-15.

MACHADO, Lia Osório. *Limites, fronteiras, redes*. Fronteiras e espaço global. Porto Alegre: AGB, 1998.

MATTEI, Luigino. *Gli 800 anni del principato di Trento*. Trento: Casa Editrice Panorama, 1990. (Collana di monografie La patria d'origine, v. 5).

PASA, Marco. La colonizzazione cimbra della Lessinia. In: SAURO, Ugo et al. (a cura di). *Cimbri Dei Monti Lessini*. Vago di Lavagno: Gianni Bussinelli Editore, 2017. p. 35-68.

PASA, Marco. Pastorizia in Lessinia, economia locale ed economia di mercato. In: SAURO, Ugo et al. (a cura di). *Cimbri Dei Monti Lessini*. Vago di Lavagno: Gianni Bussinelli Editore, 2017. p. 75-100.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. O direito à memória: a história oral de mulheres que lutaram contra a ditadura militar (1964-84). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 108-132, ago. 2013.

SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). *Anuário Antropológico*, Brasília, n. 91, p. 31-63, 1993.

TEDESCO, João Carlos; BALBINOT, Giovani. *Comércio, carretas e trapiches: a Colônia de Guaporé e o Porto de Muçum 1892-1940*. Passo Fundo: UPF Editora, 2015.

TONNON, Eloy. *Saga da família Ruschel: reminiscências históricas de longa duração de Sebastião a Renato*. Palmas: Kaygangue, 2010.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A Família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. *Campos: revista de antropologia*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 53-67, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1635>. Acesso em: 20 maio 2021.

